

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

**KAMILA CAMPELO AMARAL DO NASCIMENTO**

**“I WAS NEVER ANYTHING BUT A WOMAN OF THE SEA”:**

as manifestações do patriarcado nas vidas de Hana e Emiko na obra *White Chrysanthemum*  
(2018), de Mary Lynn Bracht

**PARNAÍBA**

**2025**

**KAMILA CAMPELO AMARAL DO NASCIMENTO**

**“I WAS NEVER ANYTHING BUT A WOMAN OF THE SEA”:**

as manifestações do patriarcado nas vidas de Hana e Emiko na obra *White Chrysanthemum*  
(2018), de Mary Lynn Bracht

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês, sob orientação do Professor Doutor Ruan Nunes Silva, na linha de pesquisa dos Estudos Literários.

**PARNAÍBA**

**2025**

N244w Nascimento, Kamila Campelo Amaral do.

"I was never anything but a woman of the sea" : as manifestações do patriarcado nas vidas de Hana e Emiko na obra "White Chrysanthemum" (2018), de Mary Lynn Bracht / Kamila Campelo Amaral do Nascimento. - 2025.

62 f.

Monografia (graduação) - Licenciatura em Letras - Inglês, Universidade Estadual do Piauí, 2025.  
"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva".

1. Crítica literária. 2. Estudos feministas. 3. Patriarcado. I. Silva, Ruan Nunes . II. Título.

CDD 801.95

KAMILA CAMPELO AMARAL DO NASCIMENTO

**“I WAS NEVER ANYTHING BUT A WOMAN OF THE SEA”:**

as manifestações do patriarcado nas vidas de Hana e Emiko na obra *White Chrysanthemum*  
(2018), de Mary Lynn Bracht

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês, sob orientação do Professor Doutor Ruan Nunes Silva, na linha de pesquisa dos Estudos Literários.

Aprovada em 26 de novembro de 2025.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor Orientador: Doutor Ruan Nunes Silva  
Universidade Estadual do Piauí - Campus Parnaíba

---

Professora Convidada: Doutora Renata Cristina da Cunha  
Universidade Estadual do Piauí - Campus Parnaíba

---

Professor Convidado: Doutor Gil Derlan Silva Almeida  
Universidade Federal do Maranhão - Campus Bacabal

À minha mãe, Ana, e à minha irmã, Karine,  
por serem minha força e minha alegria.

## AGRADECIMENTOS

Ao olhar para trás, percebo que cada passo dessa caminhada foi marcado por desafios, descobertas e, acima de tudo, por pessoas que fizeram toda a diferença. A graduação não foi apenas uma jornada acadêmica, como também uma vivência pessoal, e eu não teria chegado até aqui sozinha.

Agradeço à minha família, que foi meu alicerce em todos os momentos. À minha mãe, Ana, por sua força silenciosa e por me ensinar que a resistência também é uma forma de amor. Obrigada por ser minha companheira fiel ao longo, não só desses oito períodos, mas em toda a minha vida e por me cuidar tão bem!

Agradeço à minha irmã, Karine, por seu apoio constante e por acreditar no meu potencial mesmo quando eu duvidava. E é claro, à minha gata de estimação por ter sido meu apoio emocional nas madrugadas difíceis. Àqueles que partiram, mas permanecem vivos em minha memória e coração, sei que, de alguma forma, estão celebrando essa conquista comigo.

Agradeço à minha grande amiga e prima, Débora Lis, por ter acompanhado todas as vitórias e os possíveis infortúnios que estiveram presentes, nessa trajetória, nos chats de todas as redes sociais possíveis. E aos meus amigos de fora do meio acadêmico, que estiveram ao meu lado mesmo quando a rotina apertava.

Agradeço também às grandes amizades que fiz na UESPI, em especial, Chinaider e Bianca, por dividirem comigo não só os trabalhos e prazos, mas também por tornarem o processo mais leve. Obrigada por me acompanharem até o final, mesmo de longe, e por não deixarem eu me afundar no meio da bagunça.

Agradeço aos professores do curso de Letras Inglês, que me inspiraram com suas aulas, suas críticas e seus conselhos. Aos docentes Lara Ferreira, Francimaria do Nascimento, Ana Carolina, Elaine Nascimento, Tássio Fontenele e Leonardo Davi, minha gratidão por cada aula que me desafiou e contribuiu para que eu enxergasse a literatura, a linguagem e a educação com mais profundidade e sensibilidade.

Agradeço à professora Renata Cristina por ter me incentivado a pensar mais criticamente, por ter acreditado que eu consigo fazer coisas grandiosas e por sempre se por a disposição para tirar nossas dúvidas para irmos cada vez mais longe.

Agradeço especialmente ao meu orientador, e ilustríssimo coordenador do curso, Ruan Nunes, por ter sido o primeiro a enxergar potencial em mim na disciplina de Teoria da Literatura. Agradeço por ter me aceitado como orientanda de PIBIC e de TCC. Obrigada pelo

compromisso, organização, paciência e por me ensinar que crescer exige desconforto e desafio. Obrigada por contribuir para que este trabalho tivesse o melhor de mim. Você é fora da curva!

Agradeço ao professor convidado da banca, Gil Derlan Almeida, por ter aceitado ler esta pesquisa com cuidado e atenção e por contribuir com observações valiosas para enriquecê-la.

Sou feita de cada olhar atento, cada palavra de incentivo e cada gesto de cuidado que recebi ao longo do caminho. Tudo o que sou carrega um pouco de cada um de vocês que, com afeto, proteção e firmeza, me motivaram a seguir em frente mesmo quando o mundo parecia grande demais.

NASCIMENTO, Kamila Campelo Amaral do. “**I was never anything but a woman of the sea**”: as manifestações do patriarcado nas vidas de Hana e Emiko na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht. 2025. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2025.

## RESUMO

A literatura configura-se como um espaço privilegiado para expor estruturas sociais opressivas. Mesmo por meio da ficção, a narrativa literária abre espaço para o confronto com os valores dominantes, permitindo o questionamento de normas consolidadas e reproduzidas. Nesse sentido, a obra *White Chrysanthemum* (2018), escrita por Mary Lynn Bracht, vai além da descrição de um período da história oriental, em vez disso, ela ajuda a evidenciar as consequências do sistema patriarcal que se enraízam em diversas esferas da vida da mulher, indo muito além dos campos de guerra. À luz disso, esta pesquisa visa responder à seguinte inquietação: De que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht, na perspectiva dos estudos feministas? A fim de responder essa questão, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: investigar de que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht, na perspectiva dos estudos feministas. A fim de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: discutir os pressupostos teóricos dos estudos feministas, com ênfase no conceito de patriarcado; identificar as manifestações patriarcais nos âmbitos familiar, psicológico e físico das irmãs; e explicar as manifestações patriarcais vivenciadas por Hana e Emiko. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e de cunho exploratório embasada em autoras como Elsa Dorlin (2021), Heleith I. B. Saffioti (2015), Lucia Osana Zolin (2009), Simone de Beauvoir (2009 [1949]), entre outros. As análises revelaram como a naturalização da violência, o silenciamento das vítimas e a objetificação do corpo feminino operam como engrenagens de dominação. A obra de Bracht denuncia não apenas um episódio histórico, mas a universalidade e adaptabilidade do patriarcado, que se reinventa em diferentes contextos, perpetuando a opressão feminina.

**Palavras-chave:** *White Chrysanthemum*; Mary Lynn Bracht; Estudos feministas; Patriarcado.

NASCIMENTO, Kamila Campelo Amaral do. **“I was never anything but a woman of the sea”:** the manifestations of patriarchy in the lives of Hana and Emiko in the novel *White Chrysanthemum* (2018), by Mary Lynn Bracht. 2025. Monograph (Graduation in English Language Teaching) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2025.

## ABSTRACT

Literature is a privileged space for exposing oppressive social structures. Even through fiction, literary narrative opens space for confrontation with dominant values, allowing for the questioning of consolidated and reproduced norms. In this sense, the work *White Chrysanthemum* (2018), written by Mary Lynn Bracht, goes beyond describing a period of Eastern history; instead, it helps to highlight the consequences of the patriarchal system that take root in various spheres of women's lives, going far beyond the fields of war. In this context, this research aims to answer the following guiding question: In what ways is patriarchy manifested in the lives of Hana and Emiko in Mary Lynn Bracht's *White Chrysanthemum* (2018), from the perspective of feminist studies? In order to answer this question, the following general objective was established: to investigate the ways in which patriarchy manifests itself in the lives of Hana and Emiko, in Mary Lynn Bracht's *White Chrysanthemum* (2018), from the perspective of feminist studies. To achieve the general objective, the following specific objectives were established: to discuss the theoretical assumptions of feminist studies, with an emphasis on the concept of patriarchy; to identify patriarchal manifestations in the family, physical and psychological spheres of the sisters; and to explain the patriarchal manifestations experienced by Hana and Emiko. In order to achieve these objectives, a bibliographical research was conducted, with a qualitative approach, exploratory nature, and interpretivist character, based on authors such as Elsa Dorlin (2021), Heleith I. B. Saffioti (2015), Lucia Osana Zolin (2009), Simone de Beauvoir (2009 [1949]), among others. The analyses revealed how the normalization of violence, the silencing of victims, and the objectification of the female body operate as mechanisms of domination. Bracht's work denounces not only a historical episode, but also the universality and adaptability of patriarchy, which reinvents itself in different contexts, perpetuating the oppression of women.

**Keywords:** *White Chrysanthemum*; Mary Lynn Bracht; Feminist studies; Patriarchy.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>2 NOVOS SENTIDOS PARA VELHAS HISTÓRIAS .....</b>	<b>17</b>
2.1 A crítica literária .....	17
2.2 “Feminists are made, not born” .....	20
2.3 Dos protestos à teoria .....	23
<b>3 “THE BRIGHTEST BEACON IN THE DARKEST OF SEAS” .....</b>	<b>28</b>
3.1 Pensando gênero e poder .....	30
3.2 “The whale with razor-sharp teeth like a monster” .....	33
3.2.1 Manifestações familiares do patriarcado .....	36
3.2.2 Manifestações psicológicas do patriarcado .....	43
3.2.3 Manifestações físicas do patriarcado .....	50
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *White Chrysanthemum*, de Mary Lynn Bracht, publicado em 2018, lançado em 2020 no Brasil, com a tradução *Herdeiras do Mar*, remonta à Coreia do Norte do período de ocupação japonesa, na Segunda Guerra Mundial. A história é contada em um jogo de passado e presente. O passado fica a cargo da história de Hana, uma *haenyeo* – mergulhadora tradicional coreana – capturada por um soldado japonês ao salvar sua irmã mais nova de ser levada. Já o presente é narrado na visão da irmã mais nova, Emiko, vítima do trauma de ter perdido a irmã, as consequências que isso trouxe e sua busca silenciosa para tentar encontrá-la.

O título escolhido para esta monografia “I was never anything but a woman of the sea”<sup>1</sup> é uma frase dita por Hana, mas adquire um significado profundo para as duas irmãs quando analisado sob a perspectiva do patriarcado. Para Hana, representa a perda de sua liberdade como mulher e como *haenyeo*, reduzida a um objeto de desejo e exploração ao ser transformada em uma “mulher de conforto”<sup>2</sup>. Para Emiko, simboliza a conexão com a irmã e a impotência diante das normas patriarcais que as separaram e rege sua vida depois que Hana é sequestrada.

A partir de buscas com o título da obra e o conceito de patriarcado, foram localizados, em território nacional, dois artigos. O primeiro, intitulado “A violência de gênero e a desumanização feminina em *Herdeiras do Mar* (2018), de Mary Lynn Bracht”, de Elis Regina Fernandes Alves, Danielle Fabrício dos Santos e Sara Almíreira da Rocha, tem sua análise focada na personagem Hana como mulher de conforto. Utilizando nomes como Beauvoir e Showalter, os autores abordam papéis de gênero, violência e simbolismo do mar, destacando a desumanização de personagens semelhantes à figura da prostituta.

Já o segundo artigo, “*Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht: memória, trauma e a dominação política do corpo feminino”, de Lucas de Souza, analisa as “mulheres de conforto” e temas da crítica pós-colonial, com base nas ideias de Achille Mbembe, em *Necropolítica*. Também explora a memória afetiva entre as personagens Hana e Emiko, que permanecem conectadas apesar da separação física e como memória e trauma estão representadas na obra.

A trajetória das “mulheres de conforto”, como Hana, revela um panorama complexo das relações de poder determinadas pelos gêneros, com o patriarcado como um de seus alicerces. A história de Emiko, por sua vez, ilustra como os impactos desse sistema opressor repercutem

<sup>1</sup> “Eu nunca fui nada além de uma mulher do mar” (Tradução da pesquisadora).

<sup>2</sup> O termo “mulheres de conforto”, uma tradução em inglês do eufemismo japonês *ianfu*, refere-se às dezenas de milhares de mulheres jovens e meninas de várias origens étnicas e nacionais que foram forçadas à servidão sexual durante a Guerra da Ásia-Pacífico, que começou com a invasão da Manchúria, em 1932, e terminou com a derrota do Japão, em 1945. (Tradução da pesquisadora)

mesmo nas vidas das mulheres que não são diretamente afetadas pela violência. Apesar do choque que tais histórias causam, ainda é possível que exista alguém que tente justificar tais violências feitas contra mulheres utilizando argumentos baseados em escrituras religiosas. E foi no contexto familiar e religioso em que cresci<sup>3</sup> que me deparei com a perpetuação de tais argumentos que pregavam essa subordinação da mulher ao marido, já que, conforme o discurso dos irmãos da Igreja: “Deus fez primeiro o homem”.

Durante a infância, sempre segui os mesmos passos das mulheres da família: ir à igreja aos domingos e seguir a Palavra de Deus. Era muito comum ver mulheres que perdoavam casos de infidelidade ou agressão para continuar casadas porque o marido era um homem bom e provedor da família. Com os conhecimentos de hoje, eu posso dizer que minha mãe foi meu primeiro exemplo de mulher forte que se levantou contra esse padrão e tentou sair do papel de oprimida. Mesmo sendo uma irmã da igreja e participante do grupo de senhoras, após ser agredida pelo meu falecido pai com uma pedrada, ela saiu de casa com duas filhas pequenas e uma bebê de colo e denunciou ele. Ele foi preso, mas solto com menos de um mês porque, claro, era um homem bom e provedor da família. Pouco tempo depois, ele faleceu e minha mãe deixou a grande Brasília para voltar para sua cidade natal, Buriti dos Lopes, com suas três filhas.

Não demorou muito e minha mãe se casou novamente, dessa vez com um homem que já tinha filhos. Seu filho, em particular, foi a representação da figura do homem branco evangélico, padrão machista. Grande parte da minha adolescência e vida adulta teve seus discursos como trilha sonora, que eram sempre o mesmo roteiro que pode ser resumido em: “o casamento te dá uma empregada”. Ele foi um apoiador ferrenho da direita durante as eleições de 2018 e 2023 e enchia a casa com discurso de ódio contra as mulheres que denunciavam agressões e contra as notícias de estupro que o jornal divulgava. É um usuário das clássicas frases como “com certeza ela provocou para o cara bater nela desse jeito” e “claro que ela estava pedindo, voltando para casa àquela hora e com aquela roupa”. Viver naquele ambiente sempre gerou uma sensação de impotência, tanto por me sentir atacada por esses discursos quanto por não poder falar nada, já que ele é homem e é mais forte. Ainda no ano de 2018, decidi abandonar a igreja que apoiava homens assim.

Sem a Igreja, eu preenchi meu tempo com livros, a maioria clichês com finais felizes. Até entrar no curso de Letras Inglês e cursar a disciplina de Crítica Literária, no bloco quatro (2023.1). Logo de início, eu coloquei na cabeça que queria fazer um trabalho pelas lentes da crítica feminista. O intuito inicial era utilizar a adaptação cinematográfica de *Little Women*

---

<sup>3</sup> Por ser uma justificativa do campo pessoal, optamos por usar a primeira pessoa do singular.

(2019) para produzir o artigo na referida disciplina, mas a ideia acabou não vingando. No entanto, eu sabia que não podia concluir esse curso sem beber do suco da crítica feminista. Por isso, li durante o período de greve da UESPI, no início de 2024, *White Chrysanthemum* e conheci a história de Hana e Emiko, duas mulheres atravessadas pelos valores patriarcais. A narrativa encontra ecos na sociedade atual, onde a cultura dominante parece sempre achar um meio de colocar a mulher no papel de submissa sem qualquer autonomia, com seus corpos e vidas controlados e dispostos à vontade dos desejos masculinos.

Acredito, portanto, que não só as vivências que tive nas instituições familiares e religiosas, mas também os incentivos do pensamento crítico, promovidos pelo universo acadêmico, me levaram a ver, nos estudos feministas, uma porta para produção de conhecimento significativa para mim. Essa lente teórica coloca as figuras femininas no centro como capazes de produzir e serem agentes de mudança, e não personagens engessadas na narrativa que dita qual papel nós mulheres temos que performar na sociedade desde os tempos bíblicos.

Os estudos feministas transformaram a maneira como as narrativas de mulheres são contadas e disseminadas. De acordo com Thais Hayana dos Santos Andrade (2020), antes limitadas a papéis secundários ou retratadas de forma estereotipada na literatura e em outras formas de expressão cultural, as mulheres disputaram e conquistaram com grandes esforços espaços como protagonistas de suas próprias histórias. Essa mudança permite explorar as diferentes dimensões que permeiam a ideia do “ser mulher”, abordando as complexidades que atravessam suas vidas, desde questões de gênero e sexualidade até as interseccionalidades com raça, classe, idade e outras categorias sociais.

Discutindo como a literatura feminina atua como uma forma de reivindicar o papel social da mulher, Amanda Karine Grossel e Maurini de Souza (2022) destacam como as crescentes revoluções feministas ganharam uma maior adesão ao longo dos tempos. Isso possibilitou que o conhecimento sobre as experiências vividas por mulheres fosse difundido. Assim, a expansão dos estudos feministas ofertou o arcabouço teórico para analisar as opressões sistemáticas impostas pelo patriarcado enfrentadas pelas mulheres e para dar voz e visibilidade às perspectivas das mulheres, refletindo sobre as questões que as afetam.

A trajetória dos estudos feministas pode ser ilustrada pelo resgate de obras como *Little Women*. Em sua tese de doutorado, Fabiana dos Santos (2021) destaca a relevância das mulherzinhas, de Louisa May Alcott, em um período histórico conturbado da sociedade norte-americana, a Guerra Civil, e a importância de seu texto para a representação das figuras femininas de seu tempo. Embora inicialmente lido como um clássico da literatura juvenil, o

reconhecimento da autoria feminina de Alcott e a profundidade de suas personagens surgiaram mais tarde, refletindo mudanças na Indústria Cultural. As adoráveis mulherzinhas tornaram-se protagonistas não apenas em livros, mas também em filmes e serviços de streaming, atraindo um público mais amplo, impulsionado pela crescente influência dos estudos feministas.

Desde a antiguidade, a produção de conhecimento tem sido predominantemente associada ao sexo masculino, o que evidencia a estrutura patriarcal que permeia as formas de saber, conforme apontam Maria Eduarda Batu Abreu e Alana Taíse Castro Sartori (2024). Contudo, o movimento feminista tem desempenhado um papel crucial na inclusão das mulheres nos espaços de produção de conhecimento. Nesse contexto, a crescente produção nos estudos feministas pode ser pensada pela necessidade de abordar as diversas questões que permeiam a vida das mulheres, além de estimular a reflexão sobre a autoria feminina e as problemáticas abordadas. Embora a obra escolhida para esta pesquisa tenha como cenário a ocupação japonesa da Coreia durante a Segunda Guerra Mundial, em 1945, é possível perceber que o sistema patriarcal e as relações de poder não ficaram somente na história, mas se adaptaram e, ainda, permeiam a sociedade atual.

As mulheres, socialmente vistas em uma posição de subordinação e inferioridade aos homens, não são tidas como referências, o que resultou na teoria do segundo sexo, de que a mulher é o “outro”, descrito por Simone de Beauvoir (2009 [1949]). O patriarcado, como sistema dominante, impõe limites ao feminino, ditando, por meio de suas normas, a hierarquia de gênero e a subordinação da mulher às expectativas estabelecidas. Nessa lógica, o homem é considerado sujeito e a mulher, objeto, estrutura que se reflete tanto nas narrativas literárias quanto no âmbito social.

Nesse sentido, elegemos o romance *White Chrysanthemum* como prática cultural da investigação. Nossa pesquisa tem como foco principal as personagens Hana e Emiko, cujas trajetórias ilustram as maneiras distintas que o patriarcado pode se manifestar na vida de uma mulher. Além das protagonistas, recortes de outros personagens foram selecionados para enriquecer a discussão, evidenciando como o sistema patriarcal se ramifica nas esferas familiar, psicológica e física. Essa abordagem permite compreender não apenas a opressão direta ao corpo, mas também suas formas sutis de reprodução.

Diante do exposto, este trabalho visa responder à seguinte inquietação: De que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht, na perspectiva dos estudos feministas? Considerando isso, o objetivo geral dessa pesquisa é: investigar de que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht na perspectiva dos

estudos feministas. A fim de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: discutir os pressupostos teóricos dos estudos feministas, com ênfase no conceito de patriarcado; identificar as manifestações patriarcais nos âmbitos familiar, psicológico e físico das irmãs; e explicar as manifestações patriarcais vivenciadas por Hana e Emiko. Nesta monografia, estamos utilizando o termo “manifestações” para nos referirmos às formas como o patriarcado afeta a vida das personagens analisadas, e explicamos melhor a escolha desse termo mais adiante na seção 3.1.

Para o desenvolvimento desta pesquisa científica, descrita por Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2007, p. 43) como “[...] um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”, é necessário descrever o caminho sistemático que foi percorrido para a realização dos objetivos propostos. Para tanto, realizamos uma investigação que não se interessa em números e estatísticas, e sim na subjetividade das personagens apresentadas na obra literária. Portanto, a abordagem desta pesquisa é qualitativa a partir de Maria Cecília Minayo (2012), visto que realizamos um estudo que se concentra na subjetividade e na relação do indivíduo com o contexto social.

Em relação à natureza da pesquisa, caracterizamos como uma pesquisa exploratória em consonância com a definição de Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013), que afirmam que a pesquisa exploratória visa fornecer mais informações sobre o assunto em questão, facilitando a definição e o delineamento do tema da pesquisa. Quanto ao tipo da pesquisa, realizamos uma investigação do tipo bibliográfica, que, de acordo com Sandra Maria Nascimento de Mattos (2020), consiste no levantamento de referências, ou seja, de autores que atuam na área relacionada ao tema escolhido. Assim sendo, a pesquisa foi elaborada a partir de outros trabalhos que já foram publicados sobre os estudos feministas.

Para a presente pesquisa, adotamos as lentes de análise literária do paradigma interpretativista. De acordo com Fábio Akcelrud Durão (2020), podemos concluir que as obras literárias não são entidades autônomas e isoladas, com significados fixos e universais. Pelo contrário, o processo de significação de uma obra está intimamente ligado ao ato de interpretar. Em outras palavras, o sentido de uma obra não está contido de maneira independente em seu interior, mas surge da relação que se estabelece entre o texto e o leitor, ou seja, do processo interpretativo que dá forma e significado a ela. À vista disso, cabe ao pesquisador adicionar uma nova camada à que já existia anteriormente, mas de forma homogênea, como se esse novo detalhe estivesse lá o tempo todo escondido.

Ao planejar e organizar a pesquisa bibliográfica, consideramos as sete etapas da pesquisa, descritas por Lakatos e Marconi (2003): escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; e redação. Assim, o primeiro momento foi dedicado à seleção do material acadêmico, como livros e artigos publicados em periódicos que dialogam com as discussões propostas, priorizando as publicações dos últimos cinco anos acerca não só de literatura, Crítica Literária, estudos feministas com ênfase no conceito de patriarcado, mas também analisando as relações de poder e gênero implicadas no conceito. Paralelamente às leituras teóricas primordiais para a elaboração da monografia, analisamos o *corpus* (o romance em estudo), com o intuito de estabelecer uma aplicação do conhecimento teórico aos excertos selecionados da obra literária.

Dessa forma, em um âmbito social, a escolha em investigar *White Chrysanthemum* se dá pelo seu conteúdo ao abordar temas como a opressão da mulher de maneira física e psicológica. Mesmo na contemporaneidade, essa realidade continua em níveis alarmantes. Segundo o G1 (2025, online), o Piauí, estado mais católico do Brasil, foi também o segundo maior em taxas de violência contra a mulher em 2024. Analisar obras de outros períodos históricos permite contribuir para diálogos sobre tais temáticas de uma perspectiva histórica. Dar luz às atrocidades sofridas pelas “mulheres de conforto” durante a ocupação japonesa também contribui para promover discussões e reflexões sobre um capítulo frequentemente negligenciado da história, contribuindo para uma visibilidade maior para a memória dessas mulheres.

Em âmbito acadêmico, esperamos que as discussões aqui desenvolvidas possam expandir o corpo de estudos feministas para futuros acadêmicos/as que desejem se aventurar por esse campo. Apesar de recente, a obra oferece uma fonte significativa de análises para estudos em temas de gênero acerca de mulheres em contextos opressores e enriquece a literatura sobre a Segunda Guerra Mundial, contando uma parte da história por outras lentes que não sejam as dos vencedores. Considerando o banco de trabalhos de conclusão de curso dos/as estudantes de Letras Inglês de Parnaíba-PI, esta pesquisa será uma adição significativa ao conjunto de trabalhos que utilizam os estudos feministas nas análises. No entanto, é pioneira por utilizar uma obra escrita em inglês que retrata o universo asiático em um período em que muito se fala sobre o que os homens passam na guerra, mas pouco é dito sobre as mulheres.

Em âmbito pessoal, almejamos que o estudo realizado contemple as esferas de pesquisadora e futura docente positivamente. Enquanto pesquisadora, esta investigação contribuirá para a aquisição de repertório teórico à luz dos pressupostos teóricos feministas, como questões de gênero e relações de poder e opressão. Consequentemente, possuir tal

repertório proporcionará uma prática em sala de aula que incentive os estudantes a questionarem a desigualdade de gênero que ainda persiste na sociedade.

Em termos de estrutura, nosso estudo está dividido em três seções. Nesta primeira parte apresentamos o surgimento do interesse, contextualização da problemática, inquietação da pesquisa, objetivos, metodologia e justificativa para a realização da pesquisa. Posteriormente, apresentamos a crítica literária e os estudos feministas, com ênfase no contexto histórico de seu surgimento até seu estabelecimento como lente de análise. A terceira seção é dedicada ao conceito-chave, o patriarcado, além da discussão sobre as relações de gênero e poder, para melhor compreensão das nossas análises.

## 2 NOVOS SENTIDOS PARA VELHAS HISTÓRIAS

Revisitar histórias é uma oportunidade de atribuir novos sentidos às narrativas. Ao retornarmos a tramas já contadas, abrimos espaço para novas interpretações sobre as experiências que foram menosprezadas ou distorcidas ao longo do tempo. Como argumenta Clare Hemmings (2009, p. 219), “[...] em um contexto feminista, é sempre uma questão de poder e autoridade determinar quais estórias predominam ou são elididas ou marginalizadas”. Compreender isso nos leva a reconhecer como o ato de narrar ou calar está ligado às estruturas de dominação que precisam ser continuamente desafiadas pelas mulheres.

Nesse sentido, o livro *White Chrysanthemum* narra, ainda que por meio da ficção, um passado que tentou ser apagado, dando protagonismo àquelas que foram historicamente relegadas à margem. Essa leitura está alinhada com o propósito de Hemmings (2009, p. 220) ao refletir sobre as “estórias feministas” de “abrir possibilidades futuras ao invés de estagnar em omissões passadas”. Dessa forma, analisar essa obra literária a partir dos estudos feministas é uma maneira de não repetir os mesmos eventos, e uma oportunidade de questionar quem fala, quem é silenciado e quem foi deixado de fora da história, tensionando diretamente os limites da narrativa dominante.

A partir dessa perspectiva, esse capítulo abre a discussão partindo da crítica literária, refletindo sobre os critérios que definem o que é reconhecido como literatura. Em seguida, se expande ao diálogo com o movimento feminista e os estudos feministas, que levantam a disputa por outras formas de representar as figuras femininas, bem como ler, narrar e interpretar suas vivências.

### 2.1 A crítica literária

É comum pensar o termo “literatura” como sinônimo de um conjunto restrito de obras clássicas, consideradas “canônicas”. Essa perspectiva tradicional está associada ao valor literário conferido a autorias que acumularam prestígio ao longo do tempo. Antoine Compagnon (1999, p. 32) ironiza essa concepção ao afirmar que “[...] tudo que foi escrito por grandes escritores pertence à literatura, inclusive a correspondência e as anotações irrigórias pelas quais os professores se interessam”. Além de uma ironia, essa afirmação enriquece a visão de como o cânone não é somente uma lista neutra das obras que foram eleitas como as melhores, mas um reflexo de escolhas históricas e ideológicas que determinam o que deve ser valorizado como literatura.

Considerando isso, os cânones literários, construídos historicamente por grupos dominantes, privilegiaram por séculos as vozes masculinas, brancas e de classes sociais mais altas, marginalizando e silenciando autoras femininas. Como afirma Roberto Mibielli (2021, p. 22), “[...] o poder de dizer o que ler é, dentro dessa perspectiva, em última instância; o poder de dizer quem deve e quem não deve ser socialmente reconhecido. Quem ‘é’ e quem não ‘é’”. Essa visão limitada da literatura perpetuou a falsa ideia de que a produção literária era de domínio exclusivamente masculino, posicionando as mulheres em papéis secundários ou até mesmo desconsiderando suas contribuições até elas publicarem suas histórias sob pseudônimo masculino, reforçando como suas vozes deveriam ser silenciadas da história literária.

Nesse sentido, Compagnon (1999, p. 33) argumenta que “[...] identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas [...]”. Assim, o que é conveniente estar na estante das grandes literaturas reflete muito mais as disputas de poder do que a defendida superioridade nos elementos literários dos textos incluídos no cânone. Ao destinar todo o prestígio aos nomes consagrados, essa concepção reforça hierarquias que perpetuam desigualdades.

Em uma perspectiva contemporânea, Terry Eagleton (2006, p. 12) aponta que “[...] a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido”. Essa perspectiva coloca o leitor numa posição importante na significação dos textos, uma vez que é a interpretação pessoal de algumas obras literárias específicas que mantêm o seu valor ao longo dos anos. Dessa forma, a literatura se torna um diálogo entre o texto e o leitor, ao passo que uma interpretação pessoal é elemento essencial para sua apreciação. Isso porque o significado de uma obra literária não é fixo e imutável, mas sim sujeito à mudança ao longo do tempo, de acordo com o contexto histórico e cultural em que a obra é lida.

Essa valorização da interpretação individual, proposta por Terry Eagleton (2006, p. 13), é aprofundada quando ele questiona a existência de uma “essência literária”. O autor argumenta que:

Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de “literatura”, um conjunto constante de características inerentes. Na verdade, seria tão impossível quanto tentar isolar uma única característica comum que identificasse todos os tipos de jogos. Não existe uma “essência” da literatura. Qualquer fragmento de escrita pode ser lido “não-pragmaticamente”, se é isso o que significa ler um texto como literatura, assim como qualquer escrito pode ser lido “poeticamente”.

Diante do exposto, comprehende-se que a literatura não pode ser reduzida a um conjunto de características fixas e atemporais. A concepção do que faz parte da literatura está diretamente ligada ao processo de construção de sentido, baseado na forma como os textos são lidos e interpretados de acordo com o contexto histórico. Assim, a literatura não se resume a uma definição estática e absoluta, uma vez que está em constante processo de redefinição à medida que as práticas de leitura e interpretação a renovam.

Dessa forma, Compagnon (1999) e Eagleton (2006) compartilham uma visão crítica em relação à concepção tradicional de literatura. Ambos enfatizam que a definição do que é considerado literatura é moldada por fatores históricos e ideológicos, e não por características próprias da obra. Por um lado, Compagnon (1999) reflete acerca do reconhecimento exacerbado atribuído a qualquer trabalho dos “grandes escritores”, dialogando com Mibielli (2021) sobre como a consolidação dessa ideia revela disputas de poder. Por outro lado, Eagleton (2006) enriquece a discussão ao constatar que não existe uma “essência” da literatura capaz de ser isolada, e é a relação entre obra e leitor que vai contribuir para a sua valorização.

É possível afirmar, portanto, que a literatura não possui uma definição estática. Mirian Hisae Yaegashi Zappone e Vera Helena Gomes Wielewicki (2009, p. 19) também discutem como “[...] esse processo mental de associação entre a palavra literatura e esse rol específico de textos parece nos muito natural e imediato, de forma que o próprio conceito de literatura se imiscui, mistura-se com a descrição desse determinado conjunto de textos”. No entanto, as autoras destacam a influência da crítica e da teoria literária na configuração do conceito de literatura e na determinação das abordagens de leitura.

Considerando o cenário acadêmico, Zappone e Wielewicki (2009, p. 26) afirmam que a universidade contribuiu para a profissionalização dos estudos literários, oferecendo ao “homem das letras” uma boa base institucional e profissional, o que causou seu distanciamento da esfera pública. Agora é papel da academia, afastada do senso comum, por meio de suas pesquisas, publicações, debates em sala de aula e trabalhos jornalísticos de críticos que passaram pelas universidades, estabelecer o parâmetro sobre o que é considerado literatura e quais formas de leitura são valorizadas.

Nesse viés, refletir sobre obras literárias permite a construção de novas perspectivas e é a crítica literária, refugiada nas universidades, que abrirá caminhos por meio das suas correntes literárias. A esse respeito, Lois Tyson (2023, p. 2, tradução nossa) destaca que a crítica literária “[...] fornece excelentes ferramentas para esse empreendimento, ferramentas que não apenas podem nos mostrar nosso mundo e a nós mesmos por meio de novas e valiosas lentes, mas também podem fortalecer nossa capacidade de pensar de forma lógica, criativa e com uma boa

dose de percepção”. A crítica literária, portanto, não é apenas uma disciplina acadêmica, mas uma ferramenta essencial para o desenvolvimento intelectual e humano, capacitando um pensamento mais complexo e reflexivo sobre os aspectos da realidade com uma especificidade maior.

Nesse caminho, Tyson (2023) enumera as correntes mais utilizadas nesse processo interpretativo: críticas psicanalítica, marxista, afro-estadunidense, pós-colonial, queer e feminista. Nesta monografia, elegemos os estudos feministas como base teórica devido às ferramentas que ela fornece para analisar as experiências das protagonistas de *White Chrysanthemum*, duas mulheres coreanas que são expostas, de formas diferentes, às manifestações do patriarcado.

No entanto, para compreender com maior profundidade a escolha dessa perspectiva teórica, faz-se necessário revisitar a trajetória trilhada pelo feminismo desde suas origens como movimento político até sua consolidação como teoria crítica de grande relevância nos estudos literários. Como aponta Lúcia Osana Zolin (2009), a partir da segunda metade do século XX, a crítica literária sofreu mudanças fundamentais com a chegada de teóricas feministas na cena. Essa produção literária das mulheres passou a priorizar temáticas de suas vidas cotidianas, desfazendo as expectativas impostas pelos papéis tradicionais de gênero.

A partir dessa perspectiva, é possível pensar que um olhar feminista é construído por duras lutas e confrontos contra as estruturas do patriarcado que tentam reproduzir a todo custo a ideia do estereótipo da mulher como algo natural e não como a construção social complexa que é.

## 2.2 “Feminists are made, not born”<sup>4</sup>

Frequentemente reduzido as campanhas de empoderamento feminino pelo senso comum, o feminismo pode ser definido por Ania Malinowska (2020, p. 1) como “[...] an umbrella term for a number of cultural phenomena related to the ever deteriorating situation of women under the patriarchal status quo”<sup>5</sup>, oferecendo uma perspectiva mais abrangente e complexa sobre o movimento. Ao se distanciar de simplificações e estereótipos, essa definição delineia o feminismo como um conjunto de práticas e ideias em constante evolução, que se articulam com as transformações sociais e culturais de cada época. Essa visão complexa é

---

<sup>4</sup> “Feministas são formadas, não nascem feministas” (Tradução da pesquisadora).

<sup>5</sup> “Um termo guarda-chuva para uma série de fenômenos culturais relacionados à situação cada vez mais deteriorada das mulheres sob o status quo do patriarcado” (Tradução da pesquisadora).

fundamental na compreensão das lutas e demandas que caracterizam o movimento feminista ao longo da história.

Complementando essa perspectiva, Elsa Dorlin (2021, p. 7) comprehende o feminismo como:

[...] a tradição de pensamento e, por extensão, os movimentos históricos que, pelo menos desde o século xvii, colocaram, segundo lógicas demonstrativas diversas, a questão da igualdade dos homens e das mulheres, rastreando os preconceitos relativos à inferioridade das mulheres ou denunciando a iniquidade de sua condição.

Essa definição ressalta que o feminismo é um movimento plural, construído historicamente em iniciativas que buscavam desconstruir as certezas sobre a inferioridade feminina. Ao aplicar essa concepção no campo dos estudos literários, é possível entender o feminismo como uma lente crítica que busca evidenciar e problematizar as relações de poder e gênero representadas nas obras. Um exemplo disso é o romance *White Chrysanthemum*, no qual a experiência das protagonistas expõe não apenas a dor individual, mas as marcas sociais de uma condição historicamente produzida.

Lucy Delap (2020, p. 16) enfatiza essa multiplicidade ao afirmar que “[...] embora definido de maneiras muito diferentes, o termo ‘feminismo’ foi adotado globalmente no início do século XX. Pode se referir aos ‘direitos’ das mulheres, bem como às campanhas de promoção, proteção e igualdade das mulheres”. Esse ponto é crucial, pois demonstra que, graças à diversidade de mulheres que lutavam pelos seus direitos, o feminismo não se limitou a uma única ideologia ou objetivo. A capacidade do termo de ser adaptado a diferentes contextos e reivindicações conferiu sua força e alcance global, permitindo que o movimento se manifestasse de diversas formas ao longo do tempo, expandindo suas reivindicações.

Para compreendermos melhor a complexidade e a diversidade do feminismo, é preciso analisar sua trajetória histórica, movimento tradicionalmente dividido em três grandes ondas. A primeira onda (1840-1920) está relacionada às campanhas sociais que expressavam a insatisfação com os direitos limitados das mulheres ao trabalho, à educação, à propriedade, o direito de ter a tutela dos seus próprios filhos, e ao sufrágio feminino, movimento que defendia o direito de voto das mulheres, cuja principal organização se tornou a International Woman Suffrage Alliance (1904) (Malinowska, 2020).

Enquanto a primeira onda terminou com o reconhecimento do direito de voto das mulheres, a segunda onda (1960-1980) trouxe à baila questionamentos sobre os papéis de gênero e a sexualidade das mulheres. Com *O Segundo Sexo* (2009 [1949]), de Simone de

Beauvoir, iniciava-se uma nova fase na luta dos movimentos feministas. Mais do que reformar as leis e garantir o direito ao voto, era necessário enfrentar os aspectos sociais que colocavam a mulher em lugar inferior (Malinowska, 2020). Assim, a seguinte citação de Beauvoir (2009 [1949], p. 307): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esses produtos [...]”, usada pelas feministas em diversos contextos, contribuiu grandemente para pensar os “papéis sexuais” constituídos na sociedade.

A segunda onda também continuou a reivindicar a igualdade de direitos para as mulheres ao abrigo da lei, incluindo, por exemplo, o direito a igualdade de acesso ao emprego, a salário igual para trabalho igual e o direito a solicitar hipotecas e a ter cartões de crédito no próprio nome. O movimento também lutou por legislação contra a violência doméstica, incluindo a violação conjugal (Tyson, 2023).

A terceira onda (1990-2000) continuou a abraçar as causas da segunda onda, mas debruçou-se mais fortemente na luta contra o assédio sexual no local de trabalho e na ascensão das mulheres a posições de poder. Devido aos esforços das feministas afro-americanas, a terceira onda tornou-se cada vez mais consciente do papel da interseccionalidade na experiência das mulheres e viu o feminismo aceitar a crença, da teoria queer, de que as categorias de sexo, gênero e sexualidade são fluídas e não estão ligadas às definições tradicionais de masculino e feminino. Embora as mulheres brancas, com formação universitária, continuassem a ocupar a maioria das posições de poder no movimento, havia uma percepção crescente de que o feminismo precisava se tornar multicultural e não heteronormativo se quisesse representar todas as mulheres (Tyson, 2023).

A quarta onda (2010 até os dias atuais) continua a abraçar as causas da terceira onda, mas se foca mais incisivamente no problema da agressão sexual contra mulheres e meninas (Tyson, 2023). Essa onda feminista contemporânea abarca uma ampla gama de reivindicações, antes negligenciadas, incluindo as perspectivas do feminismo negro e do feminismo interseccional, que considera as múltiplas camadas de opressão que incidem sobre as mulheres, definindo diferentes graus de subordinação a partir de marcadores sociais como classe, raça, etnia, nacionalidade e orientação sexual. Essa pluralidade de vertentes feministas encontra nas redes sociais um espaço de articulação, facilitando o engajamento em ações coletivas (Castro, 2020).

No início do século XXI, a popularização das redes digitais possibilitou a massificação do feminismo ao permitir uma maior difusão das ideias feministas. Esse ativismo feminista, chamado também de ciberfeminismo (Cerqueira; Ribeiro; Cabecinhas, 2009), tem se mostrado

essencial para a troca de informações e experiências entre as usuárias, promovendo a construção de laços e identidades coletivas. Essa expansão online fortalece as pautas e a mobilização em torno das reivindicações feministas, possibilitando que mulheres, meninas e outras pessoas em todo o mundo conheçam, discutam e internalizem a importância do feminismo para a construção de uma sociedade que sobressalta as questões de gênero.

### **2.3 Dos protestos à teoria**

Analisando a produção literária feminista em “Crítica Feminista”, Zolin (2009) argumenta que as relações de poder e gênero se manifestavam na crítica literária. A desvalorização sistemática das obras escritas por mulheres, associadas a estereótipos de gênero e a uma suposta inferioridade intelectual, era uma forma de reforçar a hierarquia entre os sexos e manter as mulheres em uma posição subordinada nesse campo de produção.

Para Zolin (2009), desde os anos 1960, com o avanço do pensamento feminista, a mulher tornou-se um tema importante de análise em diversos campos de conhecimento. No entanto, além dos debates que o movimento feminista desencadeou ao longo de suas diferentes fases, os impactos resultantes também se destacam. Entre esses, destaca-se a ascensão da crítica feminista, que se consolidou como uma ferramenta essencial para a leitura e interpretação de obras literárias atualmente.

Nesse sentido, ao analisar o movimento feminista, é essencial ir além de suas repercussões sociais e pensar em como a luta pelos direitos das mulheres afetou o campo literário. Sendo assim, como afirma Antonio Cândido (2006), a compreensão de uma obra em sua plenitude exige que texto e contexto se fundam numa interpretação dialeticamente íntegra, ou seja, o contexto histórico-social em que a obra foi produzida está traduzido como um elemento integrado na própria obra. A literatura, portanto, não é uma arte isolada da sociedade, mas sim um meio de nos ajudar a compreender significados e valores da segunda. Ao interpretarmos a crítica feminista por esse viés, ela pode nos revelar como a forma que a mulher é retratada na arte reflete a sua posição social, assim como também ajuda a desconstruir os estereótipos e as narrativas masculinas que, historicamente, limitaram as vozes femininas dentro e fora do texto literário.

A análise literária feminista, conforme aponta Zolin (2009, p. 218), é uma tentativa de “[...] romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação”. É nesse sentido que a leitura de *White*

*Chrysanthemum* pelas lentes dos estudos feministas se torna uma maneira de refutar a crítica tradicional construída pelos homens.

Uma crítica tradicional, presa a esses discursos, tenderia a reduzir a trajetória das irmãs Hana e Emiko a um mero drama de guerra, interpretando as violências sofridas por elas como consequências inevitáveis do conflito entre Japão e Coreia, e não como uma consequência direta do patriarcado. Sob esse mesmo olhar, o sacrifício de Hana para proteger sua irmã seria romantizado como um ato heroico, ignorando completamente as pressões patriarcais que a conduzem a essa escolha. Já as tentativas de agência das personagens, por sua vez, seriam lidas como uma característica feminina, mas não questionaria a estrutura de poder que gerou a necessidade de sobrevivência a essas violências.

Este trabalho, portanto, propõe uma leitura que se afasta dessa normalização. Em vez de aceitar as narrativas da mulher como submissa, utilizaremos os estudos feministas para evidenciar como o patriarcado se manifesta nas esferas familiar, física e psicológica. Analisar dessa maneira revela que a vida das protagonistas não é apenas uma tragédia de guerra, e sim perpassada pelas estruturas de dominação patriarcal presentes desde o cotidiano com a família até a violência contra o corpo.

Originalmente, o feminismo não surgiu no ambiente acadêmico, mas sim como um movimento social. Ele surgiu de grupos formados, majoritariamente, por mulheres que demandavam direitos básicos em épocas nas quais elas não eram sequer reconhecidas como sujeitos. Assim, o que estamos chamando aqui de estudos feministas se refere também aos trabalhos acadêmicos que, como indica Zolin (2009), datam desde o século XVIII, com autorias que hoje podem ser lidas como protofeministas, como Mary Astell e Mary Wollstonecraft<sup>6</sup>, que produziram uma literatura *lato sensu*<sup>7</sup>.

Os trabalhos de Astell e Wollstonecraft podem ser considerados as raízes dos estudos feministas. Considerando isso, Zolin (2009) destaca outras duas autorias que representam, para ela, um marco divisório na consolidação de uma verdadeira leitura feminista empenhada em analisar a mulher nos textos literários a partir do século XX: Virginia Woolf e Simone de Beauvoir. Woolf ganha destaque por produzir uma coleção de ensaios que discutem a literatura feminina. Já Beauvoir instigou o questionamento sobre as raízes da opressão feminina com base nas relações de propriedade, conferindo à mulher a responsabilidade de inverter esses papéis.

---

<sup>6</sup> Como estamos trabalhando com uma obra de língua inglesa, seguiremos a tradição dessa vertente do feminismo na língua inglesa.

<sup>7</sup> Segundo Roberto Acízelo de Sousa (2010, p. 45), a literatura *lato sensu* corresponde ao “[...] conjunto da produção escrita, objeto dos estudos literários segundo a orientação positivista do século XIX”.

Já em seu artigo “Questões de gênero e de representação na contemporaneidade”, Zolin (2010) destaca a obra de Kate Millet, *Sexual Politics*, de 1969, como o marco inicial da crítica literária feminista. Segundo a autora, para Millet a política sexual se configura como uma dinâmica de poder na qual o gênero dominante, assemelhando-se a uma classe social opressora, exerce controle e dominação sobre o gênero oprimido. Essa perspectiva, que estabelece uma analogia entre o patriarcado e as relações de classe, contribui significativamente para a compreensão das estruturas de poder que fundamentam as relações de poder.

Apesar disso, a crítica feminista, conforme descrita por Elaine Showalter (1994), se encontra em um “território selvagem”, uma metáfora para o sistema patriarcal que tomou para si a tradição literária como um espaço exclusivamente masculino. Desse modo, a crítica feminista, com seu caráter revisionista, surge como uma forma de confrontar os cânones estabelecidos ao questionar as estruturas moldadas e reproduzidas acerca da literatura e da sociedade. Assim, analisar uma obra por esse viés abre portas para novas formas de ler e interpretar toda a produção cultural.

Ainda explorando esse “território selvagem” da crítica feminista, Showalter (1994) destaca duas abordagens principais: a crítica ideológica e a ginocrítica. A primeira analisa a feminista no seu papel de leitora, examinando textos na busca de identificar estereótipos, omissões e falsos julgamentos sobre mulheres, além de sua representação como signo. Já a ginocrítica mantém o seu escopo focado na literatura produzida por mulheres, estudando a mulher enquanto escritora. No que concerne a questão da linguagem, a teórica afirma que, embora a literatura feminina ainda lide com os ecos de uma linguagem histórica e socialmente suprimida, a base das diferenças não pode se resumir somente a esse aspecto. Optamos por seguir esse viés durante a pesquisa. Direcionamos nosso interesse para como a escolha das palavras, considerando os seus significados, além de construir sentidos, revela como o patriarcado se manifesta. Assim, mais do que compreender a linguagem como forma de expressão, buscamos interpretá-la como estratégia política.

Nessa linha de pensamento, Dorlin (2021, p. 8) aprofunda a discussão sobre o saber feminista, que se dedica a “conteúdos históricos”. Para ela, apenas por meio desses conteúdos é possível desvendar as lutas e os confrontamentos que o sistema dominante busca camuflar. Essa perspectiva permitiu a transformação da consciência feminina, questionando o processo de “tornar-se mulher” imposto e dando origem a uma identidade política coletiva, que resultou em novas linguagens e diversas formas de manifestação. Dentre as principais, destacam-se os “grupos de consciência”, espaços de discussão que tratavam as experiências femininas como expressões de uma condição social e histórica comum. E, ainda, as “expertises selvagens”, nas

quais o conhecimento era gerado pela própria mulher como objeto e sujeito, tornando-a “expert de si” e, assim, contestando o saber dominante reproduzido.

Os “grupos de consciência” e as “expertises selvagens”, propostos por Dorlin, levantam a mesma preocupação de Showalter (1994) no tocante à questão da linguagem. Dorlin (2021, p. 9) argumenta que “[...] a inferioridade social da mulher reforça-se e complica-se pelo fato de que ela não tem acesso à linguagem, a não ser pelo recurso a sistemas ‘masculinos’ de representação que a desapropriam de uma relação consigo própria e com outras mulheres”. No entanto, por mais válida que seja a argumentação de ambas as autoras, ao considerarmos a desvalorização de trabalhos de autoria feminina, essa teoria da diferença baseada no uso da linguagem não se sustenta, haja visto que não há um marcador na escrita que revele que um texto é mais feminino que outro.

O senso de coletividade das mulheres não nasceu de uma linguagem “pura”, mas sim da partilha de vivências. Conforme aponta Cecília M. B. Sardenberg (2018, p. 16), “[...] o processo de socialização das experiências permitiu às mulheres constatarem que os problemas vivenciados no seu cotidiano tinham raízes sociais e demandavam, portanto, soluções coletivas”. Foi nesse contexto que surgiu o slogan “o pessoal é político”, pondo em xeque a divisão entre privado e público e questionando a ideia de que as relações vividas no espaço doméstico diferiam daquelas que eram estabelecidas na esfera pública.

A respeito dessa expressão, Dorlin (2021, p. 7) afirma que seu uso sinaliza também o surgimento de “[...] uma reflexão crítica, que, nos últimos quarenta anos, não parou de se desenvolver, de se diversificar e de se institucionalizar no centro do pensamento e do movimento das mulheres, a partir deles ou junto a eles”. É a partir dessa diversificação teórica, consolidada na academia e na prática do movimento, que a seara atual dos estudos feministas direciona seu olhar para o papel político da representação da mulher, compreendendo-a não como uma imagem passiva, mas analisando como essa representação, em suas variadas formas, influencia diretamente nas relações de poder.

Para realizar essa investigação, a crítica feminista exige uma postura de leitura que vá além do simples consumo do texto. Nesse sentido, Zolin (2009, p. 216) postula que

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos.

Assim, a crítica feminista se dedica a romper a oposição homem/mulher e as demais oposições derivadas dessa. Logo, é necessário compreender que os estudos feministas não se limitam a quantificar os “ganhos” ou “perdas” das personagens femininas dentro da narrativa literária, como se a representação da mulher devesse sempre seguir um caminho vitorioso. O foco da crítica feminista está em analisar como a mulher é representada e em que estruturas ela está inserida. Nesse sentido, não cabe classificar uma obra como mais ou menos feminista apenas pelas ações individuais da personagem, como a de uma mulher que, por exemplo, se submete ou se “vende” para a estrutura patriarcal, e sim investigar as condições que a levam a tomar tais decisões.

De maneira consoante, para Tyson (2023, p. 70), a crítica feminista “[...] examines the ways in which literature and other cultural productions (for example, magazines, movies, television shows, advertising, and toys) reinforce or undermine sexism in all its myriad forms”<sup>8</sup>.

Trata-se de uma forma de ler a literatura visando identificar e desafiar as formas como a cultura perpetua a opressão das mulheres. Nesse sentido, a cultura se configura como uma importante ferramenta do patriarcado, ao reforçar e legitimar valores, normas e representações que perpetuam a subordinação da mulher.

Em suma, esta pesquisa parte da compreensão de que os estudos feministas constituem uma reflexão crítica multifacetada, que se consolidou, ao longo do tempo, como uma ferramenta essencial de leitura e interpretação. Como Zolin (2009) e Tyson (2023) destacam, essa abordagem adota uma leitura mais atenta e contextualizada, além de uma simples consideração sobre a estética da escrita, capaz de desvendar os mecanismos utilizados para perpetuar as relações de poder e gênero. Com esse olhar, a leitura de *White Chrysanthemum* feita neste trabalho se interessa pela discussão feita entre gênero e poder, discutida na próxima seção.

---

<sup>8</sup> “[...] examina as maneiras pelas quais a literatura e outras produções culturais (por exemplo, revistas, filmes, programas de televisão, publicidade e brinquedos) reforçam ou enfraquecem o sexismo em todas as suas inúmeras formas”. (Tradução da pesquisadora)

### 3 “THE BRIGHTEST BEACON IN THE DARKEST OF SEAS”<sup>9</sup>

A violência patriarcal não se apresenta de uma única forma, ela se infiltra nas relações familiares, invade os corpos e a mente de forma rasteira. Em *White Chrysanthemum*, Bracht (2018) constrói uma narrativa em que as esferas familiar, psicológica e física se entrelaçam na trajetória das irmãs Hana e Emiko, revelando como o patriarcado pode ser visto como um mar escuro, habitado por criaturas que se escondem em diferentes profundidades. Algumas dessas violências são visíveis, assim como peixes que nadam mais próximos à superfície são fáceis de identificar, a violência física se manifesta de forma mais explícita. Outras, no entanto, vivem nas zonas de mais difícil acesso: camufladas, difíceis de nomear, como a violência psicológica.

É nesse contexto que um diálogo aparentemente afetuoso entre Hana e sua mãe adquire contornos mais reflexivos. As duas encerravam um dia cansativo de mergulho e Hana, frustrada por ter encontrado poucas conchas, insistia em continuar na água. Enquanto isso, sua mãe tentava convencê-la a sair, alertando sobre as criaturas noturnas das profundezas do oceano, o que Hana acreditava ser apenas uma brincadeira:

“You don’t have to worry about me. They won’t even notice me because I don’t have any light to attract them,” Hana replied. “Oh, but you do,” her mother said, [...] “Your skin. White like milk, fair as the purest down on a goose’s breast. The brightest beacon in the darkest of seas” (Bracht, 2018, p. 227)<sup>10</sup>.

A comparação entre o tom da pele de Hana com o “farol mais brilhante no oceano mais escuro” pode ser interpretada como uma metáfora que expressa a condição feminina sob o patriarcado. A luz, símbolo de pureza e visibilidade, torna-se também o que atrai a violência. O “oceano escuro” é esse sistema que transforma qualidades valorizadas em vulnerabilidade. A partir dessa perspectiva, este capítulo se dedica a examinar como o patriarcado se manifesta nas três esferas mencionadas anteriormente, tomando como base as experiências vividas pelas irmãs.

A autora Mary Lynn Bracht nasceu na Alemanha, mas cresceu nos Estados Unidos em uma comunidade de imigrantes sul-coreanos e atualmente vive em Londres. Embora tenha sido desencorajada pela mãe a seguir carreira literária, começou a escrever após o nascimento de seu filho. Seu envolvimento com a literatura amadureceu durante o mestrado em escrita criativa, no

<sup>9</sup> “O farol mais brilhante no oceano mais escuro” (Tradução da pesquisadora).

<sup>10</sup> “Você não precisa se preocupar comigo. Elas nem vão me notar porque eu não tenho nenhuma luz para atraí-las”, Hana respondeu. ‘Ah, mas você tem’, sua mãe disse, [...] ‘Sua pele. Branca como leite, clara como a penugem mais pura no peito de um ganso. O farol mais brilhante no oceano mais escuro” (Tradução da pesquisadora).

qual surgiram os primeiros capítulos de *White Chrysanthemum*, livro consagrado pelo prêmio de melhor romance de estreia da Guilda de Escritores da Grã-Bretanha.

Apesar de realizarmos uma leitura pelas lentes dos estudos feministas neste trabalho, Bracht afirmou em entrevista ao *The Book Seller*, em 2018, traduzida para o Brasil pela TAG Livros, que não se considera uma escritora feminista. Ainda assim, acredita que sua obra tem um caráter universal, capaz de promover empatia e compreensão sobre a experiência feminina na história por todos os públicos independente do gênero.

Nessa mesma entrevista, a autora relatou como foi o seu processo de escrita. A ideia para o romance surgiu em 2002, quando Bracht visitou o vilarejo de infância da sua mãe e conheceu a história das “mulheres de conforto”. Durante suas pesquisas sobre a história da Coreia, ela descobriu uma reportagem sobre o declínio da população das *haenyeo*, mergulhadoras tradicionais da ilha de Jeju, e relacionou esse desaparecimento à perda das chamadas “mulheres de consolo”, vítimas da ocupação japonesa.

Impressionada pela força dessas mulheres sobreviventes, ela decidiu incorporar essas características nas protagonistas Hana e Emiko. A história se inicia no verão de 1943, na Ilha de Jeju, onde Hana, com 16 anos, não conhecia nada além de uma vida na Coreia sob a ocupação japonesa. Apesar de ser proibida de usar sua língua nativa, Hana tem orgulho de ser coreana e de pertencer à tradição das *haenyeo*, que mergulham nas profundezas do oceano em busca de frutos do mar para serem comercializados em troca de sustento para suas famílias.

Hana tem uma irmã sete anos mais nova, Emiko, por quem é responsável quando não está mergulhando com sua mãe. Desde cedo, ambas são alertadas a não ficarem sozinhas com um soldado japonês. Em um dia de pescaria comum com sua mãe, Hana avista um soldado chegando perto de sua irmã que estava esperando por elas na praia. Sabendo do risco que a irmã corria, Hana nada o mais rápido que consegue para chegar em terra e escondê-la antes que o soldado a veja. No entanto, Hana é quem acaba sendo vista pelo soldado e, para impedir que ele vá atrás de mais alguém da sua família, consegue convencer o soldado de que está sozinha e é órfã. O soldado, posteriormente identificado como cabo Morimoto, chama por mais dois companheiros que a carregam à força.

Esse momento marca o início de uma trajetória de violência e dor. Hana é colocada em um vagão de trem junto com outras garotas e levada para um bordel financiado pelo governo japonês como forma de agrado para os soldados japoneses que estavam nas linhas de frente de batalha. Lá ela é transformada em uma “mulher de conforto” e submetida a diferentes formas de abuso, mesmo tendo apenas dezenas de anos. Enquanto isso, sua família também vive momentos difíceis na ilha sem saber ao certo o que aconteceu com a primogênita, tendo apenas

a informação de que ela foi levada por soldados japoneses. Emiko cresce carregando o luto e a incerteza, sem jamais compartilhar esse sofrimento. Já na velhice, ao participar de uma das “Manifestações de Quarta-Feira”, com sua amiga JinHee, ela passa a frequentá-las anualmente na esperança de encontrar ou saber o que houve com sua irmã.

A narrativa alterna entre as histórias de Hana e Emiko, separadas pelo tempo e pela guerra, mas unidas por um vínculo profundo. Ao longo dos capítulos, acompanhamos os eventos vividos por Hana, em 1943, enquanto Emiko enfrenta décadas de angústia provocadas pela separação da irmã e dos próprios infortúnios pessoais. A narrativa se estende até 2011, quando Emiko finalmente alcança uma forma de reconciliação com o passado e encerra, de maneira simbólica, a dolorosa história de afastamento entre elas.

Diante do exposto, este capítulo se organiza em duas seções teóricas que antecedem as análises dos excertos literários. Na seção 3.1, discutimos a articulação entre as categorias de gênero e poder, evidenciando como as condições sociais das mulheres são atravessadas por dinâmicas e ideias de dominação que não são expressas somente pelos homens. Já na seção 3.2, abordamos o conceito de patriarcado, localizando-o histórica e simbolicamente como a estrutura que sustenta a desigualdade de gênero, permitindo compreender seus mecanismos de naturalização e como foram impostos à experiência feminina.

### 3.1 Pensando gênero e poder

A opressão de gênero não se revela apenas em momentos de violência explícita, mas também nos momentos mais sutis e vulneráveis da vida de uma mulher. Essa dinâmica de poder menos agressiva e baseada na diferença de gêneros também é representada no decorrer de *White Chrysanthemum*. Em um dos momentos iniciais do romance, quando Hana está tentando salvar sua irmã de ser levada pelo cabo Morimoto na praia, ela lembra das palavras de sua mãe: “*Most of all, do not let yourself be caught alone with one. Nothing Hana says will save her now. She has no power or autonomy against imperial soldiers. They may do with her as they wish, she knows this, but she is not the only one at risk*”<sup>11</sup> (Bracht, 2018, p. 18).

Esse trecho não é apenas o marco trágico que muda a trajetória da vida das duas irmãs e de sua família, mas uma demonstração de como a exposição das personagens não é somente causada pelas circunstâncias específicas do contexto da guerra. Elas estão inseridas nessa

---

<sup>11</sup> “*Acima de tudo, não fique sozinha com um deles*. Nada que Hana disser vai salvá-la agora. Ela não tem nenhum poder ou autonomia contra os soldados imperiais. Sabe que podem fazer o que quiserem com ela, mas não é a única que corre perigo” (Tradução da pesquisadora).

condição desde o momento de seu nascimento devido às expectativas de gênero que devem ser subordinadas. A impotência das personagens não é um acaso, mas o resultado de um sistema que as priva de voz e agência.

A pluralidade de perspectivas que caracterizam os estudos feministas se estende também à concepção de poder. Nesse sentido, bell hooks (2020) oferece uma perspectiva que nos ajuda a entender, no contexto feminista, como a busca por poder e a forma de exercê-lo é algo complexo. De um lado estavam as feministas que visavam reformar o sistema social existente por meio de uma igualdade social forçada com os homens, mas, ainda assim, seguindo as formas de poder conhecidas dentro das estruturas dominantes. Já do outro lado estavam as feministas que, focadas na mudança revolucionária, associaram toda forma de poder a algo negativo. Ou seja, era preciso repensar o próprio entendimento de poder de uma forma que representasse não apenas disputa por espaço, mas uma forma de romper com a organização hierárquica existente.

Assim, hooks (2020) argumenta que o posicionamento das feministas revolucionárias falhou em distinguir o poder como domínio e controle sobre o outro daquele poder que é criativo e positivo, fundamental para a transformação social. A autora ainda pontua que “[...] as mulheres pobres e da classe trabalhadora não eram vistas como exemplos, pois, para as mulheres brancas burguesas, não exerciam formas de poder que tivessem valor na sociedade” (hooks, 2020, p. 82). Tal crítica revela como essa visão reduzida de poder a domínio e controle estava tão profundamente arraigada que limitava o feminismo a reproduzir os valores desse sistema social, excluindo as experiências e as formas de agência, por mais precárias que fossem, das mulheres de classes marginalizadas.

hooks (2020) aponta, na sua crítica ao feminismo burguês, que essa ausência de uma crítica própria da noção de poder tem suas raízes não apenas no sexismo, mas estão entrelaçadas com o sistema econômico capitalista, uma vez que se presumia que as mulheres, ao alcançarem posições de poder, automaticamente compartilhariam desse poder com os homens e seriam capazes de promover mudanças. No entanto, esse tão sonhado poder não chegava como ferramenta de libertação, já que elas exerceriam a noção de poder já dada na sociedade e, de certa forma, se tornariam perpetuadoras dessas normas patriarcais. Essa reflexão, portanto, reforça que a ideia de poder deve ir além de uma igualdade em aparências, buscando uma reconfiguração nas estruturas da sociedade.

De maneira semelhante, Helelith Saffioti (2015) também defende que o poder conferido aos homens tem suas raízes na esfera econômica. Apoiada nos escritos de Gayle Rubin, a autora sugere uma diferenciação entre a necessidade e a capacidade humana de uma organização social opressiva, que está associada ao desenvolvimento das sociedades. Além disso, Saffioti compara

a relação primordial dos humanos, equilibrada entre si e com os animais, e como isso mudou para uma relação de controle e domínio a partir da invenção da agricultura. O patriarcado, para ela, é um exemplo claro da estabilização desse fenômeno.

Situar as raízes dessa noção de poder patriarcal em uma base material e histórica é crucial para desmistificar a ideia de que a dominação masculina é um fenômeno natural ou puramente biológico. A crítica, desenvolvida por Saffioti (2015), defende que considerar o patriarcado como um conceito a-histórico é demasiadamente simplista, uma vez que ignora a historicidade desse fenômeno social e desconsidera a complexidade das relações de gênero ao longo do tempo, já que implica dizer que a subordinação das mulheres é algo fixo em todas as sociedades, desde as mais remotas até as atuais. Ao associar o poder masculino à economia e ao surgimento da agricultura, a autora demonstra que essa dominação das mulheres é uma construção social e histórica, e está ligada ao desenvolvimento das formas de controle e hierarquia nas sociedades moldadas por contextos históricos e econômicos específicos.

Similarmente, Dorlin (2021, p. 8) enriquece essa discussão sobre historicidade ao definir o saber feminista como:

[...] um trabalho que, ao encontrar as tensões, as crises, as resistências soterradas ao longo da história das mulheres, do gênero ou das sexualidades, tornou possível um pensamento a respeito da historicidade de uma relação de poder considerada a-histórica (“em todos os lugares e desde sempre as mulheres foram e são dominadas”).

Assim, as contribuições de Saffioti (2015) e Dorlin (2021) são significativas para uma leitura feminista, pois desafiam a ideia de que a subordinação é um fato inquestionável. Ao expor a dominação masculina como um fenômeno social construído, elas nos incentivam a entender as relações de poder de gênero de maneira mais crítica e contextualizada, nos situando em um período histórico e desnaturalizando a percepção de que essas relações são inevitáveis.

No tocante às relações de poder e gênero, Saffioti (2015) apresenta a ideia de gênero como uma coisa pretensamente neutra e generalizada, pois enfatiza a construção social do sexo, evitando a dicotomia entre sexo e gênero, e o caráter a-histórico desse conceito. No entanto, discordamos desse posicionamento, pois entendemos, já segundo Judith Butler (2019, p. 228), que “[...] os corpos são transformados em gêneros por uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados através do tempo”. Tal sugestão reforça a teoria, também proposta por Butler (2019), sobre os atos performativos, principalmente baseados na linguagem, que constantemente fabricam a noção de gênero.

Apesar de termos discordado de sua concepção de gênero, Saffioti (2015) apresenta uma importante contribuição para este trabalho ao delinear a ideia do “nó” formado por três subestruturas: gênero, classe social e raça/etnia. Essa concepção é fundamental para entendermos a situação de uma das personagens analisadas, Hana, uma adolescente coreana transformada em “mulher de conforto” por soldados japoneses. Gostaríamos de salientar que apenas a personagem Hana foi citada como exemplo porque, apesar de Emiko também lidar com as manifestações do patriarcado de outras maneiras, é Hana quem é transformada em mulher de conforto por causa de sua etnia.

Interpretar a personagem com base nessa perspectiva nos permite perceber que a subjugação de Hana vai além das motivações baseadas em gênero (a binaridade homem/mulher) e de classes sociais. No contexto histórico em que ela vive, mesmo que fosse de uma família muito rica, isso não a defenderia de virar uma “mulher de conforto”, pois ainda assim seria uma coreana em meio à disputa dos japoneses, evidenciando a terceira subestrutura do “nó”.

Para entendermos melhor essa situação, vale lembrar que, de acordo com o site *Association for Asian Studies*, o termo “mulher de conforto” foi utilizado por militares japoneses como um eufemismo para o maior sistema de tráfico humano e escravização sexual patrocinado pelo governo entre 1932 e 1945. Além disso, em uma breve pesquisa sobre obras literárias ficcionais que utilizam esse termo, encontramos outras três, além da aqui analisada: *Daughters of the Dragon: A Comfort Woman’s Story*, de William Andrews; *A Gesture Life*, de Chang-rae Lee; e *Comfort Woman*, de Nora Okja Keller. Posto isso, embora o termo não seja muito utilizado no território latino e apareça em poucas obras literárias ficcionais de língua inglesa, ele carrega uma importante bagagem histórica, são os estudos feministas com sua orientação política, conforme descrita por Zolin (2009), que vão ajudar a dar luz a esse momento histórico.

### 3.2 “The whale with razor-sharp teeth like a monster”<sup>12</sup>

O título desta seção foi retirado da descrição que o narrador oferece sobre os sonhos recorrentes de Emiko, nos quais uma menina de rosto branco e sem traços, possivelmente sua irmã Hana, aparece à deriva até ser engolida por criaturas marinhas. O excerto em questão revela que: “Emi lets out a silent scream as the girl tumbles overboard, swallowed by a great

---

<sup>12</sup> “A baleia com dentes afiadíssimos como um monstro” (Tradução da pesquisadora).

blue whale that is sometimes a gray squid and at other times a terrifying shark, but last night, it was a whale, midnight blue with razor-sharp teeth like a monster”<sup>13</sup> (Bracht, 2018, p. 21).

A transformação de baleia, lula e tubarão funciona como metáfora para o sistema patriarcal violento, que muda de forma, mas não perde sua função de capturar, silenciar e consumir. A comparação da baleia de dentes afiados com um monstro intensifica a ameaça dessa criatura imensa em corpo e manifestação, e reforça a imagem do patriarcado como uma força devoradora e aterrorizante.

Assim, antes de iniciarmos a discussão aqui desenvolvida, é importante destacar que as “mulheres de conforto” fazem parte da situação histórica do Oriente. No entanto, a obra foi escrita por Bracht, de ascendência coreana e publicada no Ocidente. Posto isso, temos ciência do uso de preocupações ocidentais para explicar como o patriarcado se manifesta na obra, policiando-nos para não cairmos em armadilhas ocidentalistas quanto aos elementos ficcionais sobre o Oriente, como nos alerta Edward W. Said (1990).

Nesta monografia, estamos utilizando o termo “manifestações” para nos referirmos às formas como o patriarcado afeta a vida das personagens analisadas. Entre os significados apresentados pelo dicionário Michaelis (2025, online), destacamos dois relevantes para o termo em questão: 1) ato de expressar-se publicamente e 2) meio pelo qual Deus ou uma entidade espiritual se dá a conhecer no mundo material. Dessa forma, o conceito de manifestação pode estar relacionado a coisas visíveis, como o caso de movimentos sociais, protestos, mas manifestação também tem a ver com aquilo que é invisível, como espiritualidade ou fantasmas.

Essas características também podem ser vistas na forma como o patriarcado atua, seja por meios visíveis, como a violência física contra o corpo da mulher, ou seja, de maneiras invisíveis, mais sutis e que muitas vezes não são reconhecidas. Essas formas sutis incluem as regras sociais que vêm sendo repetidas ao longo do tempo a ponto de não serem questionadas e permanecerem pairando sob todas as relações na sociedade.

De acordo com o verbete inserido no *Dicionário da Crítica Feminista*, organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), o patriarcado pode ser definido, de forma simplista, como os privilégios que os homens recebem em detrimento da existência das mulheres. Contudo, o patriarcado já existia antes do feminismo. A diferença é que o pensamento dos estudos feministas guia discussões e reflexões sobre essa forma de organização.

---

<sup>13</sup> “Emi solta um grito silencioso quando a garota cai no mar, engolida por uma enorme baleia-azul, que às vezes é uma lula cinza ou um tubarão assustador, mas na noite passada era uma baleia, azul-escura e com dentes afiadíssimos, como um monstro” (Tradução da pesquisadora).

Como mencionado anteriormente, Saffioti (2015) situa o início da instauração do poder como forma de domínio a partir do advento da agricultura, uma forma de controle humano sobre a natureza. A sequência desse processo pode ser descrita por Gerda Lerner (2019) que cita o trabalho de Engels, traçando um paralelo sobre como a submissão feminina se instaurou a partir do advento da propriedade privada e da formação de estados arcaicos. Outrossim, Macedo e Amaral (2005) detalham que o patriarcado se estabeleceu com a concentração de recursos e propriedades nas mãos dos homens, criando um sistema de herança focado na linhagem paterna. Nesse contexto, as mulheres, com seu papel restrito ao ambiente doméstico, foram marginalizadas das instituições de poder político.

Entretanto, conforme apontam Lana Lage da Gama Lima e Suellen André de Souza (2019), o direito à propriedade não restringiu o tal poder masculino ao espaço doméstico, mas contaminou a forma de organização da sociedade como um todo. Dessa forma, além do poder, o pessoal se tornou político. Dorlin (2021) postulou que o saber feminista representa um trabalho essencial para questionar e discutir, na esfera política, o que antes era tido como privado: os papéis de gênero, a vida familiar, as tarefas de casa, a sexualidade e o próprio corpo. Esse processo de tornar histórico e politizar o que é íntimo expõe as relações de poder presentes nesses espaços. Agora, o feminismo transforma o que parecia natural em algo construído, e, por isso, passível de questionamentos.

Assim, ainda de acordo com o verbete de patriarcado do *Dicionário da Crítica Feminista*, os estudos feministas, fundamentados na categoria de gênero, especialmente no contexto das academias anglo-americanas, têm priorizado a análise crítica das estruturas patriarcais, buscando expor seus efeitos perniciosos e suas formas sutis de autopreservação. Isso não significa, contudo, que as mulheres não tenham papel na reprodução do patriarcado dentro das instituições familiares e profissionais. Conforme aponta hooks (2020, p. 86):

Em geral, é o facto de a mulher aceitar passivamente este sistema de valores da cultura que a leva a assimilar passivamente o sexismó e a assumir de boa vontade os papéis de sexo pré-determinados. Apesar de as mulheres não terem o poder que os grupos de homens dominantes exercem, elas não conceptualizam o poder de maneira diferente.

Essa observação de hooks destaca como a estrutura patriarcal é complexa, pois também se manifesta pela internalização de valores e pela reprodução de comportamentos que acabam fortalecendo o sistema. Além disso, é um ponto de reflexão que vai além da dicotomia simples opressor/oprimido, despertando um posicionamento crítico sobre como as próprias mulheres

podem ser agentes, mesmo que de forma inconsciente, na manutenção de estruturas desfavoráveis.

O patriarcado, enquanto sistema de dominação masculina, opera por meio da imposição e da naturalização de normas de gênero. Esse sistema configura-se enquanto opressor à medida que agrupa características para opressão e descrédito atrelada às mulheres. Tal visão ecoa concepções históricas, inclusive com raízes em interpretações bíblicas, que relegam a mulher ao papel de procriadora, reforçando a ideia de sua subordinação e a objetificação de seu corpo.

Na tentativa de compreender a complexa dinâmica da dominação masculina, Saffioti (2009) critica a definição de patriarcado feita por Heidi Hartmann, feminista norte-americana, que define patriarcado como um conjunto de relações sociais materialmente fundamentadas, no qual a hierarquia entre os homens e a união entre eles os capacitam a exercer controle sobre as mulheres, configurando, assim, um sistema masculino de opressão feminina. Essa perspectiva se mostra limitada por não tratar da relação entre patriarcado e o capitalismo. Além disso, não se aprofunda nas raízes históricas e econômicas mais antigas do patriarcado, como o advento da agricultura e da propriedade privada, e simplifica a forma de agência masculina e a diversidade das manifestações desse sistema.

De forma sucinta, a discussão teórica apresentada nesta seção sublinha que o patriarcado não é um conceito a-histórico nem se limita somente a uma forma de manifestação. Conforme argumentam Saffioti (2015) e Dorlin (2021), trata-se de um sistema de dominação construído historicamente, cujas raízes se entrelaçam com o desenvolvimento da propriedade privada e as estruturas econômicas. Essa dominação se manifesta de formas tanto visíveis, como a violência física, quanto sutis, como a reprodução de comportamentos, como argumenta hooks (2020). Ao adotar essa perspectiva, entendemos que o patriarcado não é somente sobre a oposição homem/mulher e a busca cega por poder, mas opera como uma máquina que invade todas as dimensões da vida social.

Considerando essa compreensão do conceito de patriarcado, a próxima parte deste trabalho investiga suas manifestações na obra *White Chrysanthemum*, considerando a existência das protagonistas nas esferas familiar, psicológica e física.

### 3.2.1 Manifestações familiares do patriarcado

Em *White Chrysanthemum*, o ambiente familiar, em sua maioria, não se configura como um refúgio diante do patriarcado, mas como um dos primeiros espaços em que ele se manifesta e se perpetua por meio da reprodução de silêncios, normas e expectativas que moldam os

comportamentos. Nessa análise, compreendemos a esfera familiar como o conjunto de relações afetivas que compõem a primeira forma de organização social na qual o sujeito está inserido, a família, que envolve autoridade e pertencimento para corroborar com as lógicas de dominação. No entanto, a narrativa também nos mostra pequenos gestos de ruptura com esse sistema por meio da linguagem.

Como mencionado anteriormente, o romance apresenta a trajetória de Hana, uma jovem *haenyeo*, da Ilha de Jeju que vive sob a ocupação japonesa. Em um dos primeiros momentos da narrativa, Hana está no mercado quando escuta duas mulheres comentando, em tom contido, sobre uma garota da vila que foi violentada e encontrada no norte da ilha. Por ser um tema tabu, como tudo relacionado à ocupação, e nunca discutido abertamente, ela não sabe o significado da palavra “*rape*” e tenta entender o que está sendo dito:

“Not long after Hana became a fully fledged *haenyeo*, she **overheard** two women in the market speaking in **hushed tones** about a village girl who was found on the north side of the island. “She’s riddled with illness and driven mad by rape,” one of the women said, **catching Hana’s ear**. She didn’t know what the word meant. She leaned in, hoping the woman would explain. “The father had to hide her in the house. **She’s wild now . . . like an animal.**” The other woman **shook her head** sadly. She **lowered her eyes**. “No one will have her now, even if she manages to get well. Poor girl.” “Yes, poor girl, and her poor father. The shame will **follow him** to an early grave.” “Such a **heavy burden for him**” (Bracht, 2018, p. 32-33, grifo nosso)<sup>14</sup>.

O excerto revela como a violência sexual contra mulheres é tratada como uma tragédia familiar. Além disso, constatamos o uso da palavra “like”, um símile que, de acordo com Norma Goldstein (2006, p. 106), é uma “[...] figura que aproxima dois termos, por meio da conjunção: ‘como’ ou similar”. Sob esse aspecto, o uso do símile para comparar a vítima com um animal não apenas exclui a jovem do convívio social, mas também a retira da esfera da dignidade humana, reforçando sua desumanização como um mecanismo para preservar a honra masculina. O uso dessa figura de linguagem demonstra a naturalização da ideia de que, após sofrer uma violência como o estupro, a mulher perde sua racionalidade e seu valor ficando “selvagem como um animal”.

---

<sup>14</sup> “Não muito depois de Hana ter se tornado uma *haenyeo* plenamente habilitada, ela **entreouviu** duas mulheres no mercado sussurrando sobre uma garota da aldeia que foi encontrada na região norte da ilha. “Ela está com muitas doenças e enlouqueceu por causa dos estupros”, disse uma das mulheres, **alcançando os ouvidos de Hana**. Ela não sabia o que a palavra significava. Inclinou-se, esperando que a mulher explicasse. “O pai precisou escondê-la dentro de casa. **Ela está selvagem agora... como um animal.**” A outra mulher **balançou a cabeça** com tristeza. **Baixou os olhos.** “Ninguém vai aceitá-la agora, nem se ela conseguir melhorar. Pobre menina.” “Sim, pobre menina, e pobre pai. A vergonha **irá persegui-lo** até sua morte precoce.” “Um **fardo tão pesado para ele**” (Tradução da pesquisadora).

Essa construção narrativa se articula com o conceito de patriarcado apresentado no *Dicionário da Crítica Feminista*, organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), que define o sistema patriarcal como a estrutura que concede privilégios aos homens causando prejuízo às mulheres. O excerto evidencia isso por meio de uma inversão de papéis: a vítima do estupro é desumanizada, enquanto a “vergonha” e o “fardo pesado” que o pai irá carregar se tornam dignos de compaixão. A empatia demonstrada por essas personagens é seletiva: elas lamentam que a jovem não será aceita por ninguém mesmo que ela consiga se “curar”, revelando que sua preocupação está associada à perda de valor da vítima na busca por um marido, e não à violência que ela sofreu. Dessa forma, o trauma da mulher é transformado em uma desonra doméstica que recai sobre o pai, perpetuando o silenciamento.

Retomando a perspectiva de Dorlin (2021) acerca do saber feminista, já aprofundada neste trabalho, é possível compreender com mais clareza os mecanismos de poder presentes nessa interação. Ao politizar o que antes era restrito ao espaço privado, o feminismo revela relações de dominação que, por muito tempo, foram compreendidas como naturais. É nesse entendimento que se evidencia o movimento de conversão da violência sexual em desonra familiar e desumanização da vítima, tirando o foco da sua natureza estrutural como instrumento de opressão patriarcal. Esse episódio, portanto, não é uma tragédia isolada, mas uma expressão concreta da lógica de poder sustentada pelo patriarcado que o feminismo se propõe a desmontar.

Os termos destacados (“*overheard*”, “*speaking in hushed tones*”, “*catching Hana’s ear*”, “*shook her head*” e “*lowered her eyes*”) atuam na construção da atmosfera de silêncio, desconforto e censura que estava presente. As mulheres falam discretamente, em um tom de voz baixo, e evitam contato visual, o que indica que o estupro é um assunto marcado pela vergonha. Essa linguagem revela a tentativa de disfarçar o tema, como se nomear a violência fosse mais condenável do que o próprio ato. Mesmo as mulheres que desafiam essa atmosfera e comentam sobre o assunto “proibido” não o fazem de forma benéfica, mas reproduzem e reforçam o estigma sobre a vítima.

Essa postura dialoga com a reflexão de hooks (2020) sobre como o patriarcado não se perpetua apenas por meio da dominação masculina, mas também conta com a ajuda da reprodução dos seus valores por parte das próprias mulheres. No excerto analisado, as personagens femininas não falam sobre o estupro para denunciar a violência, pois seguem a direção de reforçar uma ideia dominante que condena a vítima.

Seguindo a narrativa, após ouvir a conversa no mercado, Hana procura respostas com sua mãe para entender o que era o termo “*rape*” e como isso enlouqueceu a jovem e causaria a morte prematura do seu pai. Diante da pergunta, a mãe de Hana hesita e a alerta de que ao

explicar, não poderá mais voltar atrás. Hana confirma que está pronta para saber e então sua mãe explica:

**“Rape is when a man forces a woman to lie with him.”** Hana blushed as her mother continued. “But rape by the soldiers is more than just one act. The girl the soldiers took was forced by many, many soldiers to lie with them.” **“Why would they do that?”** Hana managed to ask even though her face had flushed to a deep red. **“The Japanese believe it will aid them in battle.** Help them be victorious in the war. **They think it is their right to release their energy and receive pleasure**, even when they are so far from home, because they risk their lives for the emperor on the front lines. **They believe this so much that they take our girls and ship them all over the world for this purpose”** (Bracht, 2018, p. 34, grifo nosso)<sup>15</sup>.

O diálogo entre Hana e sua mãe está classificado na esfera familiar não apenas por se tratar de uma interação entre mãe e filha, mas porque evidencia como a família participa da reprodução desse silêncio “acordado” na sociedade sobre a violência sexual, especialmente no contexto da invasão japonesa. O questionamento de Hana sobre porque os soldados cometem tais atos revela não apenas sua ignorância sobre o termo “*rape*”, mas também como a estrutura familiar também atua para impedir que as mulheres tenham acesso ao conhecimento sobre a violência que as cerca.

Embora Hana não tenha aprendido o significado da palavra “*rape*” dentro da família, o que deixa claro a reprodução do silenciamento, é nesse mesmo espaço que, pela primeira vez, ela recebe uma explicação que confronta o sistema dominante. A fala da mãe de Hana é construída por meio do discurso direto, recurso que, segundo Cândida Vilares Gancho (2006, p. 26) é “[...] o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la”. As aspas que delimitam suas falas conferem autenticidade ao seu relato. Diferente das mulheres no mercado, ela escolhe usar a possibilidade de se apropriar da linguagem como uma forma de nomear a violência no lugar de reproduzir discursos que culpabilizam/condenam a vítima.

A explicação sobre os estupros cometidos por soldados japoneses revela que a opressão enfrentada pelas mulheres coreanas não se limita a atos isolados de violência, mas trata-se de

---

<sup>15</sup> **“Estupro é quando um homem força uma mulher a se deitar com ele.”** Hana ficou corada e sua mãe continuou. “Mas o estupro cometido pelos soldados é mais do que um ato isolado. A menina sequestrada foi forçada por muitos, muitos soldados a se deitar com eles.” “E por que eles fazem uma coisa dessas?” Hana conseguiu perguntar, embora seu rosto tivesse enrubescido de um vermelho profundo. **“Os japoneses acreditam que isso vai ajudá-los na batalha.** Ajudá-los a vencer a guerra. **Eles acham que têm o direito de liberar energia e receber prazer** mesmo estando tão longe de casa, pois arriscam a vida pelo imperador nas linhas de frente. **Acreditam tanto nisso que levam nossas meninas e as despacham a todo canto do mundo com esse objetivo”** (Tradução da pesquisadora).

um sistema estrutural e persistente. Como apontam Peta Bowden e Jane Mummary (2014, p. 13), essa opressão pode ser entendida como “[...] a cluster of problems with many names”<sup>16</sup>, envolvendo estruturas como o patriarcado, colonialismo e discriminação. Ao explicar que os soldados sequestram as meninas e as enviam para diferentes partes do mundo com o objetivo de transformá-las em “mulheres de conforto”, a mãe não apenas descreve o estupro, mas o apresenta como uma política organizada dentro da lógica militarista do império japonês. Dessa forma, o estupro sofrido pelas mulheres coreanas serve como um mecanismo de dominação que articula o patriarcado, ao reduzir os corpos femininos à objetos, e o imperialismo, que subjuga o povo coreano como um todo.

Esta análise também evidencia as limitações do feminismo liberal, formulado por Betty Friedan, uma vertente limitante por não contemplar vivências como a das “mulheres de conforto”. Bowden e Mummary (2014, p. 15) destacam que a análise de Friedan não reconhece que “[...] there are racial and cultural differences when it comes to understanding the social situations of women”<sup>17</sup>. A violência sofrida pelas mulheres coreanas também é marcada pelo seu caráter interseccional, conforme a ideia do “nó” proposta por Saffioti (2015). Trata-se de uma opressão específica, intensificada pelo gênero e pela etnia, o que as coloca na mira de uma dupla subjugação.

A lógica de dominação que atravessa a experiência das “mulheres de conforto” não é sustentada apenas por ações violentas, mas por um “sistema de conhecimentos” que legitima e naturaliza a barbárie. Os soldados não agem movidos por uma maldade individual, mas executam uma ideologia militar e colonial que transforma crimes de guerra em práticas justificáveis dentro de uma lógica distorcida. Segundo Bowden e Mummary (2014), os discursos apresentados como neutros têm historicamente servido como ferramentas para legitimar práticas sociais que perpetuam desigualdades de gênero. Para reforçar essa ideia, as autoras citam a filósofa feminista Lorraine Code, que sintetiza que “[...] epistemologies, in their trickle-down effects in the everyday world, play a part in sustaining patriarchal and other hierarchical social structures”<sup>18</sup> (Bowden; Mummary, 2014, p. 25). Assim, a violência contra essas mulheres coreanas é sustentada tanto pelas forças militares quanto pelos saberes institucionalizados que tendem a justificar essa dominação.

---

<sup>16</sup> “Um conjunto de problemas com muitos nomes” (Tradução da pesquisadora).

<sup>17</sup> “existem diferenças raciais e culturais quando se trata de compreender as situações sociais das mulheres” (Tradução da pesquisadora).

<sup>18</sup> “As epistemologias, com seus efeitos cascata no mundo cotidiano, contribuem para sustentar estruturas sociais patriarcais e outras hierárquicas” (Tradução da pesquisadora).

Sob a perspectiva do feminismo da diferença, a opressão se manifesta na profunda desvalorização de tudo aquilo que é associado ao feminino, uma vez que:

[...] the real source of women's oppression is not their exclusion from paid work, but the marginalization and devaluation of women's family work in favour of the male-identified public sphere activities and values of instrumental work, profit-making, competitiveness and aggressiveness (Bowden; Mummery, 2014, p. 20)<sup>19</sup>.

A explicação da mãe de Hana reflete essa lógica ao mostrar como a vida, a autonomia e a integridade das mulheres coreanas, representadas aqui por uma *haenyeo*, são anuladas em favor da valorização da esfera pública (o cenário de guerra) que se estende até a esfera privada (relações sexuais) masculinas. Seus corpos são tratados como recursos a serem explorados, e não como seres humanos com direitos. Ao nomear essa violência sofrida pelas mulheres coreanas e situá-la politicamente, a mãe de Hana rompe com o silêncio aprendido numa pequena brecha para a possibilidade de agência por meio da linguagem.

Contudo, a narrativa também nos apresenta outras formas de dominação nesse ambiente, especificamente no contexto conjugal, outro tipo de relação que compõem o núcleo doméstico. A experiência de Emiko revela como o casamento opera como uma extensão da violência patriarcal, com selo de aprovação do Estado. Em uma conversa com sua filha, ela revela que se casou com o seu pai por conta das circunstâncias impostas pela guerra, já que o marido era um policial do governo. A narrativa então retorna ao passado de Emiko, revelando que foi obrigada a se casar aos catorze anos e, pouco depois, perdeu a mãe, ficando sozinha em uma casa com um homem que a amedrontava, após já ter vivenciado a perda da irmã, levada pelos soldados japoneses, e do pai, assassinado na frente dela por policiais assim como o seu marido.

O ápice de seu sofrimento ocorre quando, já grávida, descobriu que sua mãe foi executada como prisioneira política, acusada de ser uma rebelde. Em um ato extremo de desespero, Emiko ameaça o próprio marido na delegacia, revelando a gravidez e prometendo tirar a própria vida e a do filho se não tiver acesso à lista de prisioneiros. É nesse contexto que se insere o excerto seguinte, em que a relação conjugal é apresentada como um acordo forçado, sustentado por uma lógica de dominação com gestos vazios de afeto:

"He looked at her tenderly, as though he was in love with her, but Emi didn't believe he could love her when **he had only married her to claim her family's land**. He

---

<sup>19</sup> "A verdadeira fonte da opressão das mulheres não é a sua exclusão do trabalho remunerado, mas a marginalização e desvalorização do trabalho familiar das mulheres em favor das atividades e valores da esfera pública identificados com os homens, como o trabalho instrumental, a obtenção de lucros, a competitividade e a agressividade" (Tradução da pesquisadora).

reached for her arm, but she moved away from his touch. At night, **he took advantage of his marital privileges**, but during the day, he couldn't touch her against her will. **That was the deal** they had struck so that she would cease to fight against him and **they could bear living together in their forced life**" (Bracht, 2018, p. 197, grifo nosso)<sup>20</sup>.

O trecho literário ilustra a crítica de Friedrich Engels (2019) à monogamia como estrutura principal na consolidação da propriedade privada. A afirmativa de que o policial só havia se casado para reivindicar as terras da família de Emiko revela que a união entre eles não se baseava em sentimentalismo, mas em interesse econômico em seu patrimônio. Engels (2019, p. 204) afirma que "[...] a transição para a condição de propriedade privada plena se consuma gradativa e paralelamente à transição do casamento do par para a monogamia. A família individual começa a tornar-se a unidade econômica na sociedade". Nesse contexto, o matrimônio perde seus traços afetivos e passa a operar como um mecanismo de controle da herança na mão dos chefes de família.

A condição de Emiko no casamento reflete a transformação da mulher em instrumento de reprodução da propriedade. Esse processo é descrito por Engels (2019) como uma inversão da posição social feminina, resultado direto da ascensão da propriedade privada e da divisão sexual do trabalho, uma vez que as atividades domésticas realizadas pelas mulheres passaram a ser vistas como secundárias em relação ao trabalho produtivo desempenhado pelos homens. Suas funções como provedor da casa são o que garantem "*his marital privileges*", remetendo ao direito sexual masculino sobre a mulher, legitimado pela estrutura patriarcal da monogamia.

Engels (2019, p. 218) sintetiza essa lógica ao afirmar que "[...] a forma de família que corresponde à civilização, e que com ela chega definitivamente ao poder, é a monogamia, a dominação do homem sobre a mulher e a família individual como unidade econômica da sociedade". Nesse novo arranjo, o corpo feminino é apropriado como garantia de continuidade patrimonial, reduzindo a mulher à função de gerar herdeiros legítimos. Isso é confirmado mais adiante na narrativa quando Emiko questiona o marido sobre a motivação por trás do casamento forçado e ele responde que "*our sons will inherit this island*"<sup>21</sup> (Bracht, 2018, p. 99).

Apesar da dominação, Emiko estabelece limites ao marido: "*he couldn't touch her against her will*". Essa cláusula de convivência no contrato representa uma forma de resistência subjetiva dentro de uma estrutura que ela não pode romper. Engels (2019, p. 211) observa que

<sup>20</sup> "Ele olhou para ela com ternura, como se estivesse apaixonado por ela, mas Emi não acreditava que ele pudesse amá-la, quando **ele só se casara com ela para reivindicar as terras da família dela**. Ele estendeu a mão para tocar seu braço, mas ela se afastou do seu toque. À noite, **ele aproveitava seus privilégios conjugais**, mas durante o dia não podia tocá-la contra a vontade dela. **Esse era o acordo** que haviam feito para que ela parasse de lutar contra ele e **pudessem suportar viver juntos em sua vida forçada**" (Tradução da pesquisadora).

<sup>21</sup> "nossos filhos vão herdar esta ilha" (Tradução da pesquisadora).

o Estado surge como resposta à impossibilidade de resolver os antagonismos sociais dentro da gens, sendo “[...] a admissão de que essa sociedade se enredou em uma contradição insolúvel consigo mesma”. A negociação entre Emiko e seu marido não rompe com o sistema patriarcal, mas revela pequenas frestas que permitem que ela afirme sua agência, ainda que de forma restrita. Trata-se de uma trégua que evidencia a tensão entre submissão e autonomia no interior da família monogâmica.

Ao relacionar a estrutura familiar à base material da sociedade, Engels (2019) influenciou profundamente o debate feminista. A família monogâmica é vista como um dispositivo para garantir a transmissão da propriedade privada, subordinando a mulher à lógica da herança. Como pontuado no posfácio de *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, “[...] a história de todas as sociedades, com ou sem história, é também a história de sua economia política do sexo, do gênero e do corpo” (Engels, 2019, p. 230). O caso de Emiko exemplifica como o corpo feminino é regulado por contratos sociais e econômicos, sendo a sexualidade e o parentesco instrumentos de reprodução da ordem pensada somente para os homens.

Enquanto primeira forma de organização social, a esfera familiar reproduz estruturas patriarcais por meio da escolha de quais temas e expectativas são reproduzidos ou silenciados, funcionando como uma forma de regulação. Ainda assim, a narrativa revela pequenos gestos de rompimento com esse sistema também por meio da linguagem, como quando a mãe de Hana rompe esse pacto de silêncio ao nomear e explicar a violência sexual sofrida pelas mulheres coreanas.

A tensão entre dominação e agência também pode ser encontrada no contrato conjugal de Emiko, analisado à luz das contribuições de Engels (2019) sobre a monogamia como pilar do surgimento da instauração da propriedade privada. A união forçada transforma o corpo feminino como algo cuja funcionalidade é assegurar a transmissão do patrimônio. No entanto, mesmo nessa configuração desfavorável, Emiko estabelece limites de não ser tocada durante o dia contra a sua vontade, uma forma de resistência dentro de um sistema econômico do qual ela não pode escapar.

### 3.2.2 Manifestações psicológicas do patriarcado

A materialização do espaço psicológico na narrativa ocorre de maneira intensa na trajetória de Emiko, constantemente assombrada em sonhos por grandes animais marinhos que engoliam uma menina, após sua primeira ida às Manifestações de Quarta-Feira. Esse evento

funciona como um gatilho para o retorno de memórias traumáticas que haviam sido reprimidas por décadas:

The dreams increased in intensity every night thereafter, and JinHee was sorry she had forced Emi to go to the remembrance ceremony. **The memories Emi had repressed for too long began to haunt her beyond her dreams. They came to her during the day, while she cooked her breakfast or even as she dove in the sea.** They were small flashes at first, **an image of a girl swimming toward a rocky beach, a soldier standing on the shore, voices trailing away**, until one day she couldn't hold them back any longer. **They affected her productivity, threatened to knock her off her feet. Her entire history crashed back into her consciousness so painfully that she had her first heart attack.** The doctor warned her she needed to take it easy and to minimize stress at all costs. But the memories began to plague her, and she couldn't ignore them any longer<sup>22</sup> (Bracht, 2018, p. 76, grifo nosso).

Ao pensar no conceito de espaço na narrativa literária, é comum que o foco inicial seja sobre os ambientes concretos onde as personagens se movimentam e interagem. Conforme apontam Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001), mesmo reconhecendo que se trata de um universo ficcional, os leitores tendem a buscar referências que façam sentido dentro da lógica vivida pelas personagens, tentando identificar espaços que sejam concretos e significativos para os seres que habitam esse universo narrativo.

Essa abordagem inicial, centrada no espaço físico, pode ser expandida para incluir dimensões simbólicas e subjetivas, como o espaço psicológico. Segundo o dicionário Aurélio, o termo “psicológico” pode ser definido como: 1) termo relacionado com psicologia, ciência que se dedica aos processos mentais ou comportamentais do ser humano; 2) aquilo que faz parte dos fenômenos mentais, emocionais ou da psique. Na narrativa literária, trata-se de uma perspectiva do espaço que não é visível, mas que afeta profundamente a forma como a personagem percebe e reage ao mundo à volta.

Nesse sentido, Santos e Oliveira (2001, p. 80) afirmam que “[...] o espaço psicológico, muitas vezes limitado ao ‘cenário’ de uma mente perturbada, surge a partir da criação de atmosferas densas e conflituosas, projetadas sobre o comportamento, também ele frequentemente conturbado, das personagens”.

---

<sup>22</sup> “Depois disso, os sonhos se intensificaram a cada noite, e JinHee lamentou ter forçado Emi a ir à cerimônia memorialística. **As lembranças que Emi reprimira por tanto tempo começaram a assombrá-la para além dos sonhos. Vinham durante o dia, enquanto ela preparava o café da manhã, ou até mesmo quando mergulhava no mar.** No começo eram pequenos flashes, **a imagem de uma garota nadando em direção a uma praia rochosa, um soldado de pé na areia, vozes se afastando**, até que um dia ela não conseguiu mais contê-las. **Elas afetavam sua produtividade, ameaçavam sua sanidade. Toda a sua história se abateu sobre sua consciência de maneira tão dolorosa que ela teve seu primeiro infarto.** O médico a preveniu, dizendo que precisava pegar leve e evitar o estresse a todo custo. Mas a lembrança começou a se tornar um tormento, e ela não conseguia mais ignorá-la” (Tradução da pesquisadora).

É possível observar como a linguagem ilustra o espaço psicológico, especialmente na escolha dos verbos no *present participle* (terminação em – *ing*): *swimming, standing, trailing*. Na língua inglesa esse tempo verbal indica ações em andamento no presente. O uso desses verbos cria uma sensação de ação contínua, como se as cenas estivessem sendo vistas em tempo real, como flashes de memória ou fragmentos de um sonho. Isso reforça a ideia de que Emiko está revivendo o trauma, não como um evento estático que acontece somente quando ela está dormindo, mas como lembranças que invadem sua consciência de forma incontrolável.

O excerto expõe ainda um momento de “ruptura” da narrativa de feminilidade que sustenta o patriarcado, conforme descrito por Ellen Rooney (2006). Para ela:

The very possibility of any political action against patriarchy or masculinism requires an account of that masculinism’s flaws, a dissent from the way in which it seeks to situate and dominate femininity. In the exposure of such a masculinist “narrative of femininity,” stereotypes of woman and women appear as the effects of patriarchy, including, of course, of patriarchy’s many stories. The disclosure of some such patriarchal narrative of femininity is the *sine qua non* of feminist agitation (Rooney, 2006, p. 73)<sup>23</sup>.

A cerimônia que traz à tona as memórias de Emiko funciona como o catalisador dessa ruptura na aparente normalidade de sua vida como *haenyeo*, expondo o que Rooney identifica como essencial para o engajamento feminista: a exposição das estruturas simbólicas que sustentam a dominação masculina. O que retorna a Emiko não é apenas a memória traumática ligada à perda da irmã, mas a compreensão ideológica da naturalização da violência contra mulheres, uma narrativa que define a feminilidade coreana, naquele contexto, como um território disponível para ser violado. É nesse momento que o que parecia ser uma identidade estável, o “ser mulher”, transforma-se em um campo de reflexão crítica (Rooney, 2006).

A força material e física dessas memórias reprimidas demonstra como as representações narrativas não são meros reflexos da realidade, mas produzem efeitos que vivenciamos como profundamente reais e concretos. Seguindo a teorização de Parveen Adams, citada por Rooney (2006, p. 88), “[...] representation produces the differences, including sexual difference, that we then call (and indeed live as) ‘life’; representation makes those differences ‘real’, if by real

---

<sup>23</sup> “A própria possibilidade de qualquer ação política contra o patriarcado ou o masculinismo requer uma análise das falhas desse masculinismo, uma dissidência da maneira como ele busca situar e dominar a feminilidade. Na exposição dessa “narrativa da feminilidade” masculinista, os estereótipos da mulher e das mulheres aparecem como efeitos do patriarcado, incluindo, é claro, das muitas histórias do patriarcado. A revelação de algumas dessas narrativas patriarcas da feminilidade é condição *sine qua non* da agitação feminista” (Tradução da pesquisadora).

we mean determining, concrete, consequential, affecting, violent”<sup>24</sup>. As imagens fragmentadas que invadem a vida de Emiko sem permissão são representações internalizadas de uma história de violência patriarcal que, longe de serem inofensivas, possuem uma força física avassaladora, como é o caso do infarto que ela sofre.

Essa reflexão evidencia que o espaço íntimo da personagem não está isolado das forças históricas e ideológicas que o atravessam. A vida cotidiana, que parecia um refúgio da história e da política, é revelada como uma frágil barreira. Rooney (2006, p. 87) aponta que “[...] the ‘real world’ was constantly being put in quotation marks, always being defined as where ‘we’ are not... Yet these differing perceptions of the real are nothing other than perceptions of the boundaries of institutions”<sup>25</sup>. Ao revelar que o cotidiano de Emiko é permeado por estruturas de dominação, o romance desfaz a ilusão de que a violência do patriarcado está somente no espaço físico. A partir desse momento, o passado deixa de invadir o presente de Emiko apenas nos sonhos, agora está também nas atividades cotidianas, revelando como essa estrutura patriarcal ultrapassa os limites da mente e se manifesta no corpo.

Se em Emiko o espaço psicológico se manifesta pela invasão de memórias traumáticas no cotidiano, que ocasionam o seu primeiro infarto, em Hana essa dimensão se constrói pela transformação do sofrimento que ela enfrenta no espaço físico em seus pensamentos. O espaço deixa de ser apenas um cenário e passa a se tornar a fonte do desespero e angústia da personagem.

No bordel, Hana é violentamente agredida pelo cabo Morimoto, a figura de autoridade responsável por seu sequestro. Em um de seus turnos como guarda noturno, Morimoto invade o quarto de Hana, que apesar de tentar afastá-lo com um empurrão, é agredida com um soco no estômago e estuprada logo em seguida. Após o abuso, Hana se recolhe em silêncio e esconde o rosto para que ele não veja as suas lágrimas, uma tentativa de não demonstrar vulnerabilidade diante dele. Enquanto Morimoto dorme profunda e tranquilamente, Hana permanece atormentada pela violência que marca todos os seus dias desde o sequestro, o que a leva a fantasiar como seria uma fuga daquele lugar:

She has no control over Morimoto’s whims or desires. If he wishes to visit her in the middle of the night, he can do so. If he wishes to beat her senseless every time he comes, he can do that, too. She has no dominion over her own body. Her thoughts

<sup>24</sup> “A representação produz as diferenças, incluindo a diferença sexual, que então chamamos (e de fato vivemos como) de “vida”; a representação torna essas diferenças “reais”, se por real entendemos determinante, concreto, consequente, afetivo, violento” (Tradução da pesquisadora).

<sup>25</sup> “o “mundo real” era constantemente colocado entre aspas, sendo sempre definido como aquele onde “nós” não estamos... No entanto, essas diferentes percepções do real nada mais são do que percepções dos limites das instituições” (Tradução da pesquisadora).

drift to the well behind the vegetable garden. If Hana falls headfirst, she might knock herself unconscious before drowning in the well's dark depths. She sees herself hurrying down the brothel's staircase, breaking through the glass in the kitchen window, running across the yard before Corporal Morimoto can rush downstairs to stop her, and then she sees the black water greeting her broken, unconscious face. This is within her power to do. This is how she can regain control of her own body (Bracht, 2018, p. 125-126).<sup>26</sup>

O bordel, já marcado como espaço de violência e dominação, torna-se também o cenário do desespero psicológico da personagem, é o pano de fundo de uma fantasia de ruptura com o sistema que a opõe. Assim, como afirmam Santos e Oliveira (2001), o bordel, nesse trecho, é o espaço físico que se torna cenário da mente perturbada de Hana. A sequência de ações imaginadas por ela não é apenas uma tentativa de fuga, mas a construção de um percurso simbólico para recuperar a agência do próprio corpo.

A metáfora em “*breaking through the glass*” representa o desejo de Hana de atravessar essa estrutura de dominação que a aprisiona. O vidro, uma superfície transparente, pode ser visto como uma ilusão de acesso à liberdade, um mundo exterior que pode ser visto, mas não pode ser tocado. Romper essa barreira é mais do que escapar fisicamente, é uma forma de ir além dos limites impostos que definem sua condição de mulher subjugada. O poço no jardim passa a ser a única escolha de local para ir que ainda lhe pertence, juntamente com a água escura que acolhe um rosto quebrado e inconsciente não representa apenas a morte, mas uma possibilidade de interromper a exploração do seu corpo, uma alternativa extrema para retomar o controle.

No final das contas, Hana consegue fugir do bordel, mas é perseguida por Morimoto, que a captura novamente e a leva para um assentamento na Mongólia, onde ela conhece Altan. Ele desenvolve sentimentos por ela e a ajuda a escapar de Morimoto. No entanto, Morimoto os persegue e consegue capturar Hana, mas é surpreendido por soldados soviéticos e morto. A partir desse momento, Hana se vê livre do seu sequestrador e é resgatada por Altan, mas encontra-se em constante deslocamento com os mongóis para fugir das ameaças externas, embora encontre na convivência com eles uma experiência de acolhimento em contraste com os abusos que ela sofreu.

---

<sup>26</sup> “Ela não tem nenhum controle sobre os desejos caprichosos de Morimoto. Se ele deseja visitá-la no meio da noite, pode fazê-lo. Se ele deseja espancá-la sem dó toda vez que vem, também pode. Ela não tem nenhum domínio sobre o próprio corpo. Seus pensamentos vagueiam até o poço atrás da horta. Se Hana cair de cabeça, talvez fique inconsciente antes de se afogar nas profundezas escuras do poço. Ela se imagina descendo rapidamente a escada do bordel, atravessando o vidro da janela da cozinha e correndo pelo pátio antes que Morimoto possa descer escada abaixo para impedi-la, e então ela imagina a água escura recebendo seu rosto quebrado e inconsciente. Isso está dentro de seus poderes. É assim que ela pode retomar o controle sobre seu corpo” (Tradução da pesquisadora).

Durante uma pausa nessas viagens, Hana avista um lago que desperta suas memórias do mar e da vida que levava como *haenyeo* antes de ser sequestrada. Esse movimento revela a ligação entre espaço físico e espaço psicológico, pois o ambiente atual revive as lembranças que a transportam para sua identidade anterior, uma que ela comprehende que não lhe cabe mais:

“It was always a dream; even if Hana had managed to make the journey, returning home would never have been safe. If she suddenly appeared at her mother’s house, there would be questions. There is still a war on, the Soviets made that clear, and the Japanese are still in control of Korea. If they found her, they could ship her back to the brothel in Manchuria, or somewhere here else even worse. She must remain in Mongolia with Altan and his family. She has resigned herself to this”<sup>27</sup> (Bracht, 2018, p. 250-251, grifo nosso).

O desfecho da trajetória de Hana revela que seu sonho de retornar à Coreia e à sua vida antiga é abandonado. É possível perceber isso a partir da linguagem utilizada marcada pelo uso dos condicionais. A frase “*Even if Hana had managed to make the journey, returning home would never have been safe*” é um exemplo de *third conditional*, uma estrutura verbal que expressa hipóteses irreais no passado, situações que poderiam ter acontecido, mas não aconteceram. A escolha de empregar essa estrutura gramatical reforça a ideia de que o retorno de Hana nunca foi uma possibilidade real, apenas um sonho inalcançável.

Já as frases “*If she suddenly appeared at her mother’s house, there would be questions*” e “*If they found her, they could ship her back to the brothel [...]*”, pertencem ao *second conditional*, que indica possibilidades futuras pouco prováveis, mas que ainda estão presentes. Essa escolha gramatical demarca a sensação de insegurança e vigilância que ainda existe mesmo fora do bordel e do alcance de Morimoto, revelando que o medo de ser recapturada segue influenciando as escolhas de Hana.

A escolha da palavra “*resigned*” também é significativa, pois indica uma aceitação silenciosa não porque Hana escolhe permanecer em exílio, mas porque ela reconhece que não há espaço para outra escolha além dessa. Como afirma Joan Scott (1992, p. 95), “[...] no final, não há jeito de se evitar a política - as relações de poder, os sistemas de convicção e prática - do conhecimento e dos processos que o produzem; por essa razão, a história das mulheres é um campo inevitavelmente político”. Essa resignação está diretamente ligada às relações de poder que atravessam a narrativa, considerando que Hana não é livre para decidir seu destino, uma

---

<sup>27</sup> “Foi tudo um sonho; mesmo que Hana tivesse conseguido completar sua jornada, voltar para casa nunca seria seguro. Se ela aparecesse de repente na casa de sua mãe, haveria perguntas. A guerra ainda estava em curso, os soviéticos deixaram isso claro, e os japoneses ainda estavam controlando a Coreia. Se a encontrassem, poderiam mandá-la de volta ao bordel na Manchúria, ou a algum lugar ainda pior. Ela precisa continuar na Mongólia com Altan e sua família. Ela se resignou a isso” (Tradução da pesquisadora).

vez que o controle japonês sobre a Coreia, a ameaça soviética e a memória do bordel operam como forças externas que continuam a determinar seus movimentos.

Scott (1992, p. 67) expande o conceito de “política”, definindo-o também como

[...] práticas que reproduzem ou desafiam o que é às vezes rotulado de ‘ideologia’, aqueles sistemas de convicção e prática que estabelecem as identidades individuais e coletivas que formam as relações entre indivíduos e coletividades e seu mundo, e que são encaradas como naturais, normativas, auto-evidentes.

É nessa camada ampliada de política que a história de Hana se insere. Sua experiência de ser uma mulher coreana escravizada em um bordel militar japonês durante a guerra é o resultado de relações de poder (imperialismo, militarismo, patriarcado) que operam por meio de sistemas de crenças que naturalizam a exploração do corpo feminino. A “resignação” de Hana em permanecer na Mongólia é uma estratégia de sobrevivência e uma forma de resistência dentro de um sistema que a caçaria caso tentasse retornar ao seu lar.

Inspirando-se em Jacques Derrida, Scott (1992, p. 75) introduz a noção de que a história das mulheres é um “[...] suplemento que é ao mesmo tempo um acréscimo inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história”. Inserir a história de Hana na narrativa da guerra na Ásia pode parecer um simples acréscimo para tornar o relato mais inclusivo. Entretanto, o reconhecimento de sua presença revela que a guerra não foi apenas um conflito entre exércitos e nações, mas também uma experiência de exploração sexual institucionalizada, trauma silencioso e deslocamento forçado de mulheres. Ao expor essa dimensão, a narrativa de Hana não complementa a história tradicional, ela a desestabiliza, mostrando que história vendida nos livros é apenas a ponta de um iceberg de formas de violência e poder. Trazer à tona a história de tantas Hanas desse período subverte a compreensão estabelecida do que foi aquele conflito.

Essa reflexão leva a um debate dentro do feminismo abordado por Scott (1992) sobre a suposta oposição entre a “política” (baseada na experiência vivida) e a “teoria” (que questiona a estabilidade da categoria “mulher”). A autora rejeita essa dicotomia, argumentando que “a oposição entre ‘teoria’ e ‘política’ é uma oposição falsa” (Scott, 1992, p. 92). A teoria é uma ferramenta essencial para entender como a experiência de Hana é construída por discursos e relações de poder. Sem ela, corre-se o risco de aceitar a categoria de mulher coreana como vítima como natural, em vez de entendê-la como produto de uma complexa teia histórica e política. Analisar teoricamente a história de Hana não a desvaloriza, mas permite uma

compreensão mais profunda e uma política feminista mais sofisticada e eficaz para nomear as estruturas que produziram sua opressão.

Na nota final do romance, a autora justifica o final da personagem: “I couldn’t leave her dead in the Mongolian dirt by a soldier’s hand; though the chances of the real-life Hanas’ reaching freedom are slim, my ending is what I wish could have happened to Hana and others like her” (Bracht, 2018, p. 250–251)<sup>28</sup>. A escolha de um final mais esperançoso, embora ficcional, preserva a verossimilhança ao manter Hana em exílio, longe de casa e ainda vigiada pelos fantasmas do que ela viveu nas mãos dos soldados japoneses. A literatura, nesse caso, opera como espelho deformante da sociedade, conforme propõem Santos e Oliveira (2001, p. 73), “[...] com a intenção de deslocar a imagem que a sociedade tem de si mesma. O objetivo desse tipo de literatura é o de abrir novos ângulos de visão, de revelar novas dimensões do real.” O final da personagem Hana é uma nova forma de preservar a memória das mulheres violentadas pela guerra sem apagar sua dor.

A exploração do espaço psicológico nas trajetórias de Emiko e Hana ultrapassa a ideia de uma mente perturbada e revela-se como território onde as relações de poder se manifestam com efeitos concretos e devastadores. Em Emiko, a memória traumática invade o cotidiano de forma fragmentada e silenciosa, culminando em um colapso físico que evidencia como a violência patriarcal, uma vez internalizada, atua como força determinante sobre o corpo. Já em Hana, o espaço psicológico se constrói como área particular de resistência com a fantasia de suicídio no poço como tentativa extrema de recuperar agência sobre o corpo violado, enquanto a resignação ao exílio representa uma escolha forçada pelas estruturas que continuam a definir seus limites. Em ambas as narrativas, o espaço psicológico é também um campo de batalha.

### 3.2.3 Manifestações físicas do patriarcado

Ainda que se trate de um universo ficcional, os espaços físicos são construídos com caráter simbólico e funcionam como extensões das relações sociais que atravessam os sujeitos. A violência patriarcal em *White Chrysanthemum* não espera por um cenário institucionalizado para se manifestar, antes mesmo de Hana chegar ao bordel, o espaço físico já opera como instrumento de dominação.

---

<sup>28</sup> “Eu não podia deixá-la morta pelas mãos de um soldado na lama da Mongólia; embora as chances de as verdadeiras Hanas alcançarem a liberdade sejam mínimas, meu final é o que eu desejo que pudesse ter acontecido com Hana e com outras como ela” (Tradução da pesquisadora).

Após ser sequestrada, Hana é colocada em um trem junto com outras meninas da sua faixa etária ou mais jovens. Em sua primeira noite de viagem, um guarda a conduz até uma cabine, informando que Morimoto estava requisitando sua presença. Ao chegar lá, Morimoto ordena que ela se deite na cama e retire suas roupas voluntariamente, caso contrário, ele rasgaria seu vestido, alertando que ela não gostaria de continuar a viagem até a Manchúria despida. É nesse momento que Hana sofre seu primeiro abuso físico, quase como se fosse um ritual de “iniciação” no sistema das “mulheres de conforto”:

“I’m doing you a favor; breaking you in like this is a consideration most girls like you won’t get. It’s usually a terrible surprise. At least this way, you will know what to expect.” He climbs on top of her, and she shuts her eyes. His breath in her face, his weight on her chest, these things she feels in the darkness behind her eyelids. Then he forces himself inside her, tearing her youth to shreds with each thrust. The pain is like a knife stabbed into the tender space between her toes, except it’s not happening there, it’s happening somewhere closer to her heart and to her mind”<sup>29</sup> (Bracht, 2018, p. 37, grifo nosso).

A cena é narrada por um narrador heterodiegético, o que confere à descrição uma camada de distanciamento que intensifica o horror do acontecimento. A escolha por esse tipo de narrador permite que o texto exponha a violência com detalhes sobre os dois personagens envolvidos, o que torna o impacto ainda maior. O uso do discurso direto marcado pelas aspas na fala de Morimoto atribui autoridade ao agressor, revelando como o sistema militar legitima a violência sexual como parte do processo de dominação. Morimoto não apenas comete o abuso, ele o justifica como um “favor”, revelando a naturalização da prática que sustenta o sistema das “mulheres de conforto”.

A construção da dor que Hana sente por meio do símile, em “*the pain is like a knife stabbed into the tender space between her toes* [...]”, desloca o sofrimento físico para uma região inesperada. Isso pode ser justificado considerando o tipo de narrador utilizado, não é ele que sofre o abuso, mas tenta descrever para o leitor a sensação mais angustiante que se aproxime da real, para depois reposicioná-lo mais perto do coração e da mente. Esse movimento revela que o estupro não é apenas uma agressão ao corpo, mas uma invasão da subjetividade. Lerner (2019, p. 112) explica que “[...] a ‘invenção da escravidão’ baseou-se na ideia de que um grupo

---

<sup>29</sup> ““Estou te fazendo um favor; te iniciar dessa forma é de uma consideração que a maioria das garotas como você não vai receber. Normalmente é uma surpresa terrível. Pelo menos desse jeito você vai saber o que te espera’. Ele monta sobre ela, e ela fecha os olhos. A respiração dele em seu rosto, o peso dele sobre seu peito, tudo isso ela sente na escuridão sob suas pálpebras. Então ele a penetra, rasgando sua juventude em pedaços a cada impulso. A dor é como um golpe de faca no espaço delicado entre seus dedos dos pés, exceto pelo fato de que não está acontecendo lá, está acontecendo em algum lugar mais próximo de seu coração e de sua mente” (Tradução da pesquisadora).

pode ser marcado como escravizável [...] e que esse estigma, combinado com a realidade de seu status, faria o grupo aceitar isso como fato”. O estupro, nesse contexto, é o mecanismo que impõe esse estigma. Hana não apenas sofre uma agressão, ela é marcada, iniciada, inserida em um sistema que exige sua submissão.

Como argumenta Susan Brownmiller (1993, p. 14-15):

Man's discovery that his genitalia could serve as a weapon to generate fear must rank as one of the most important discoveries of prehistoric times... From prehistoric times to the present, I believe, rape has played a critical function. It is nothing more or less than a conscious process of intimidation by which all men keep all women in a state of fear.<sup>30</sup>

O estupro é uma arma usada historicamente por homens cisgêneros para afirmar poder sobre mulheres, transformando o órgão genital em instrumento de guerra. Como aponta Lerner (2019, p. 111), “[...] a escravidão é a primeira forma institucionalizada de dominância hierárquica na história humana; relaciona-se ao estabelecimento de uma economia de mercado, de hierarquias e do Estado”. Hana ser colocada em um bordel mostra como isso se perpetua, pois, embora não haja um pagamento direto, o sistema opera dentro de uma economia de guerra. Ela não é paga porque não exerce uma profissão, mas ela é escravizada sexualmente como o “tempo livre” dos soldados que estavam lutando na guerra, num esquema financiado pelo próprio governo japonês.

A descrição do abuso reforça a ideia de que o corpo de Hana é tratado como território a ser ocupado. A opressão feminina, como descreve Lerner (2019, p. 112), “precede a escravidão e a torna possível”. A sexualidade e o potencial reprodutivo das mulheres foram historicamente transformados em mercadoria, e Hana, nesse momento, é inserida em uma lógica de exploração que a reduz à função sexual. O trem, como espaço físico, torna-se o cenário da primeira etapa de sua escravização, não apenas como prisioneira de guerra, mas como mulher marcada para a servidão sexual.

Citando Robin Winks, Lerner (2019, p. 124) afirma que “[...] o livre acesso sexual a escravas as distingue de todas as outras pessoas tanto quanto sua classificação jurídica como propriedade”. Para Hana, o estupro não é um evento isolado, mas a definição de sua nova condição. A escravidão feminina, como destaca a autora, carrega um componente inevitável de

---

<sup>30</sup> “A descoberta do homem de que seus órgãos genitais poderiam servir como arma para gerar medo deve ser considerada uma das descobertas mais importantes da pré-história... Desde os tempos pré-históricos até os dias atuais, acredito que o estupro tenha desempenhado uma função crítica. Não é nada mais nada menos do que um processo consciente de intimidação pelo qual todos os homens mantêm todas as mulheres em um estado de medo” (Tradução da pesquisadora).

exploração sexual, uma dimensão que não se aplica da mesma forma aos homens. O corpo de Hana é transformado em mercadoria acessível.

A violência sofrida por Hana é também um gesto simbólico, o estupro é a afirmação máxima de que o corpo da mulher é um território a ser possuído e controlado pelo homem. Morimoto, como soldado e agente do império, age com a convicção de quem tem direito absoluto sobre o corpo feminino. O ato sexual não é apenas uma agressão, é a assinatura de um contrato de posse. De acordo com Lerner (2019, p. 238), “[...] a imagem dos seios da deusa da fertilidade amamentando a terra e os campos foi substituída pela imagem do pênis circuncidado, símbolo do contrato entre homens mortais e Deus”. Hana deixa de ser agente e torna-se um território a ser possuído, seu corpo é arrancado da esfera do sagrado feminino e submetido à lei do conquistador masculino.

O casamento forçado de Emiko também mostra uma faceta desse contrato de posse sobre o corpo feminino, dessa vez com a institucionalização da violência por meio do Estado. Após ter sua vila invadida por policiais em busca de rebeldes simpatizantes da Coreia do Norte, Emiko presencia o assassinato de seu pai e vê sua casa ser reduzida a cinzas. A destruição de seu lar funciona também como uma manifestação física do patriarcado, já que ao queimar sua casa, o Estado apaga também sua história. Emiko e sua mãe se refugiam em uma caverna e, após dias escondidas, decidem retornar ao local da antiga casa. Lá, elas encontram HyunMo que promete ajudá-las, mas as leva para a delegacia da cidade numa armadilha para assinar a certidão de casamento para herdar as terras de sua família, como discutido na seção 3.2.1:

“Emi turned to stare at HyunMo. He was much older than her but still a teenage boy. They expected her to marry him? **She simply stood there, holding the pen, when the officer suddenly slapped her so hard that she fell to the floor.** He had moved so quickly, rising to his feet like a striking snake, **whipping his hand across her face with such power.** “Get her to her feet.” “You will sign this, now. HyunMo will be your husband. And then all three of you will exit my office, so that I may deal with the next citizens on my list. Do it now, or I will have him arrest you, and by the state of you two,” he said, motioning toward their emaciated figures, “you won’t last very long in jail”<sup>31</sup> (Bracht, 2018, p. 98-99, grifo nosso).

---

<sup>31</sup> “Emi virou-se para olhar para HyunMo. Ele era muito mais velho do que ela, mas ainda era um adolescente. Eles esperavam que ela se casasse com ele? **Ela ficou simplesmente parada ali, segurando a caneta, quando o oficial de repente lhe deu um tapa tão forte que ela caiu no chão.** Ele se moveu tão rapidamente, levantando-se **como uma cobra atacando, chicoteando seu rosto com tanta força.** “Levante-a.” “Você vai assinar isso agora. HyunMo será seu marido. E então vocês três sairão do meu escritório, para que eu possa lidar com os próximos cidadãos da minha lista. Faça isso agora, ou mandarei prendê-la, e pelo estado em que vocês dois se encontram”, disse ele, apontando para seus corpos emaciados, “vocês não durarão muito tempo na prisão” (Tradução da pesquisadora).

O casamento forçado de Emiko revela como o Estado assume funções patriarcais, transformando um ato profundamente pessoal em um trâmite burocrático. A incredulidade de Emiko diante da imposição do casamento evidencia o seu esvaziamento simbólico, que aqui não se configura como escolha ou vínculo afetivo, mas como mecanismo de controle. Como aponta Lerner (2019, p. 87), “[...] em sociedades pré-Estado, a produção social total era organizada pelas relações de parentesco. Conforme os estados foram surgindo [...] as mulheres foram subordinadas com (e em relação a) o parentesco”. O que se vê, portanto, é a transformação de uma estrutura de parentesco em instrumento de dominação estatal, em que o casamento serve para manter a ordem e a obediência.

A imagem de Emiko paralisada, com a caneta na mão, resume sua impotência diante da situação. Ela não é sujeito da decisão, mas objeto de uma engrenagem que precisa ser resolvida rapidamente para que o oficial possa lidar com os próximos cidadãos. Segundo Lerner (2019, p. 162), “[...] a posição de classe das mulheres foi desde o início definida de maneira diferente em relação à posição dos homens”. Sendo assim, Emiko não é tratada como cidadã, mas como um problema administrativo a ser eliminado da fila. O casamento, nesse contexto, é uma engrenagem da máquina estatal, e Emiko é apenas uma peça a ser encaixada, com ou sem consentimento.

O tom burocrático e impessoal do oficial evidencia a institucionalização do patriarcado. Ele não é um pai, um chefe de família ou um líder tribal, é um representante do Estado exercendo funções patriarcais. Nesse sentido, “[...]vemos então [...] como a dominação patriarcal passou de prática privada para lei pública” (Lerner, 2019, p. 161). O controle da sexualidade e da vida conjugal das mulheres, antes restrito ao âmbito doméstico, torna-se agora uma questão de regulação política. O uso exclusivo do discurso direto nas falas do oficial confere autoridade absoluta à sua voz, enquanto Emiko permanece silenciada, descrita apenas por suas reações físicas de estar em pé, cair, segurar a caneta.

A construção narrativa reforça essa assimetria de poder, revelando por meio da escolha dos pronomes e da estrutura sintática, a posição de mulher-objeto que a personagem ocupa. Essa categoria, de acordo com Zolin (2009, p. 219), “[...] define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz”. O uso recorrente do pronome “her” para se referir a Emiko reforça sua posição como objeto da ação, enquanto o oficial é marcado como sujeito com o uso do pronome “he” em “*he had moved so quickly*” e “*he said*” e do pronome “*I*” em “*I may deal*” e “*I will have him arrest you*”. A estrutura gramatical espelha a estrutura social: o homem fala, age, decide, enquanto a mulher obedece, é calada e coagida.

Como indica Lerner (2019, p. 109), “[...] mulheres cuja autonomia lhes é negada dependem de proteção e se empenham para conseguir o melhor acordo possível [...]”. O discurso direto, nesse caso, não é apenas recurso estilístico, mas instrumento de dominação textual que corresponde à dominação social. A ameaça explícita do oficial força Emiko a aceitar o casamento como única alternativa à morte certa na cadeia devido ao seu estado debilitado. É uma negociação injusta, em que a jovem é levada a perceber que sua única forma de proteção, ainda que precária, está na submissão ao homem designado pelo Estado. Emiko não escolhe HyunMo, ela é empurrada para ele como forma de sobrevivência, revelando a dependência que estrutura o contrato social patriarcal.

A ordem do oficial, seguida da violência física, reforça a autoridade do Estado para manter a família nessa ordem patriarcal. A cena não se passa em um lar, mas em um escritório estatal, e ainda assim, a lógica que rege a relação é a da obediência forçada. Lerner (2019, p. 161) destaca que “[...] o Estado arcaico, desde o princípio, reconheceu sua dependência da família patriarcal e igualou o funcionamento obediente da família à ordem no domínio público”. O gesto de levantar Emiko à força para que ela assine o documento simboliza a exigência do Estado para que ela se levante e ocupe o lugar que lhe foi designado, o de esposa submissa, mesmo sem desejo ou escolha.

A comparação com uma cobra que ataca intensifica a brutalidade do gesto e revela a imprevisibilidade da violência. O uso do símile não apenas descreve o movimento, mas associa o oficial a uma figura predatória, fria e letal. Essa violência é praticada por um homem desconhecido, sem qualquer vínculo afetivo ou familiar com Emiko, o que reforça a ideia de que o controle sobre o corpo feminino não depende de laços pessoais, mas de uma estrutura institucionalizada.

As trajetórias de Hana e Emiko em *White Chrysanthemum* revelam a materialidade palpável do patriarcado, um sistema que marca os corpos femininos e os espaços em que estão inseridas. O estupro no trem e o casamento forçado na delegacia não são eventos isolados, mas são as portas de entrada dessa subjugação que vai da esfera privada para a pública. Em ambos os casos, o corpo da mulher é transformado em território, seja pela ação direta de um soldado ou pela canetada de um oficial que sela o destino, a autonomia da mulher é anulada, e sua existência é redefinida pela sua capacidade de servir aos interesses e à ordem patriarcais nas funções sociais impostas de “mulher de conforto” e “mulher-objeto”.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propusemos a responder à inquietação: de que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht, sob a perspectiva dos estudos feministas? Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa foi: investigar de que maneiras o patriarcado se manifesta nas vidas de Hana e Emiko, na obra *White Chrysanthemum* (2018), de Mary Lynn Bracht na perspectiva dos estudos feministas.

A fim de alcançá-lo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos dos estudos feministas, com ênfase no conceito de patriarcado; identificar as manifestações patriarcais nos âmbitos familiar, psicológico e físico das irmãs; e explicar as manifestações patriarcais vivenciadas por Hana e Emiko. Para tanto, no que diz respeito à metodologia, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, natureza exploratória e cunho interpretativista.

A partir da base teórica feminista, a resposta para a pergunta de pesquisa e os objetivos que definimos foram plenamente alcançados. Foi possível constatar que o patriarcado não se apresenta como um fenômeno isolado, mas como uma rede entrelaçada e sistêmica que se infiltra desde os vínculos mais íntimos até as estruturas mais amplas do Estado e da guerra. Seja pela violência física explícita, pela opressão psicológica ou pela regulação social e familiar, o patriarcado opera como uma engrenagem de dominação que desumaniza, controla e subjuga as mulheres.

As nossas análises divididas nas três esferas revelaram que na esfera familiar, o patriarcado se manifesta por meio da naturalização da violência sexual e a inversão de papéis, em que a vítima é culpabilizada e a honra masculina é digna de pena por ter sido “manchada”, evidenciando como até mesmo as mulheres fazem parte desse sistema que perpetua o silêncio e a resignação. No entanto, o diálogo entre Hana e sua mãe rompe parcialmente esse ciclo ao nomear e explicar o estupro sofrido pelas mulheres coreanas sem culpá-las. A experiência de Emiko nos mostra como o casamento, uma união forçada sem afeto para criar família, reforça as leis patriarcais, legitimada pelo Estado e sustentada apenas por interesses econômicos.

Já na esfera psicológica, as manifestações patriarcais acontecem de forma distinta para cada irmã. Emiko sofre com a invasão de memórias traumáticas e a dor reprimida, que se infiltram na sua rotina e ganham força física suficiente para causar seu primeiro infarto. Enquanto isso, em Hana o sofrimento físico vivido no bordel se transforma em desespero mental, pois o espaço físico deixa de ser apenas um cenário para se tornar o catalisador de sua aflição. Hana internaliza essa violência e a transforma numa fantasia de fuga em busca de

retomar o controle sobre o próprio corpo. Mais adiante, mesmo após a morte de Morimoto, Hana se resigna ao exílio, marcada pela impossibilidade de retorno. A linguagem condicional utilizada pela autora reforça que o retorno nunca foi uma opção concreta, apenas algo inatingível.

Por fim, na esfera física, o corpo feminino é transformado em território de conquista. O estupro sofrido por Hana não é um ato isolado, mas parte de uma política institucionalizada que utiliza a sexualidade como instrumento de dominação. Já o casamento forçado de Emiko revela outra faceta dessa apropriação, uma em que a violência é formalizada como procedimento estatal. A assinatura da certidão de casamento sob ameaça e agressão física mostra que o Estado não apenas tolera, mas executa funções patriarcais, tratando o corpo da mulher como peça administrativa a ser encaixada. A destruição de sua casa e a imposição do matrimônio funcionam como apagamento simbólico de sua história e autonomia.

A obra de Bracht, portanto, não se limita a denunciar um capítulo histórico específico. Ela escancara a universalidade e a adaptabilidade do patriarcado, que se renova em diferentes contextos temporais e culturais, como um monstro marinho que muda de forma, mas nunca abandona o fundo das estruturas sociais.

Entre os desafios enfrentados, destacamos a escassez de material acadêmico nacional sobre a obra, o que exigiu um esforço de articulação entre as teorias feministas ocidentais e o contexto histórico oriental retratado no romance. Ainda assim, acreditamos que este trabalho oferece uma contribuição significativa para os estudos feministas no campo literário, especialmente ao explorar uma narrativa que dá visibilidade a vozes asiáticas em língua inglesa, vozes que, por muito tempo, foram deixadas à deriva.

Como sugestões para pesquisas futuras, propomos um estudo mais aprofundado sobre a identidade *haenyeo* como figura de autonomia feminina em contraste com a opressão das “mulheres de conforto” e até mesmo análises que explorem a interseccionalidade de raça, classe e colonialismo na obra, ampliando o diálogo com teorias pós-coloniais.

Com este trabalho, esperamos não apenas ter cumprido os requisitos acadêmicos, mas também ter feito jus à memória das mulheres reais que inspiraram essa ficção. Que a história de Hana e Emiko nos lembre que a literatura é um território de luta, resistência e ressignificação, e que, como pesquisadoras e educadoras, temos a responsabilidade de dar lugar às vozes que o patriarcado insiste em calar. Que este seja mais um passo para seguir nadando, mesmo quando o mar estiver cheio de monstros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Eduarda Batu; SARTORI, Alana Taíse Castro. Movimentos feministas para a democratização do saber: reflexões sobre as mulheres na produção do conhecimento.

**VERUM: Revista De Iniciação Científica**, v. 4, n. 3, p. 01–23, 2024.

<https://doi.org/10.56579/verum.v4i3.774>. Disponível em:

<https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeiniciacaocientifica/article/view/774>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ALVES, Elis Regina Fernandes; SANTOS, Danielle Fabrício dos; ROCHA, Sara Almeida da. A violência de gênero e desumanização feminina em Herdeiras do Mar (2018), de Mary Lynn Bracht. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 17, n. 47, p. 61-74, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/12173>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ANDRADE, Thais Hayana dos Santos. O lugar de fala da mulher na literatura: a democratização do discurso feminino. In: Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 2020, São Cristóvão. **Anais eletrônicos [...]**, São Cristóvão: EDUCON, 2020. Disponível em: <http://educonse.com.br/xivcoloquio/anais/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOWDEN, Peta; MUMMERY, Jane. **Understanding Feminism**. Londres, England: Routledge, 2014.

BRACHT, Mary Lynn. **White Chrysanthemum**. New York, N.Y.: G. P. Putnam's Sons, 2018.

BROWNMILLER, Susan. **Against our will: men, women and rape**. New York: Fawcett Columbine, 1993.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-229.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006 [1965].

CASTRO, Priscila Rodrigues de. As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592020v23n3p459>. Acesso em: 21 dez. 2024.

CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luísa Teresa; CABECINHAS, Rosa. Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na “rede”. **Ex aequo**, n. 19, p. 111-128, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n19/n19a10.pdf>. Acesso em 21 de dez. 2024.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura**: Literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Montão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DELAP, Lucy. **Feminismos**: uma história global. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

DORLIN, Elsa. Epistemologias feministas. *In: DORLIN, Elsa. Sexo, gênero e sexualidades: Introdução à teoria feminista*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Crocodilo, 2021. p. 7-19.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Nélio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 197-230.

ENTREVISTA: Mary Lynn Bracht, autora de “Herdeiras do mar”. TAG Livros, Porto Alegre, 31 março 2020. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/entrevista-mary-lynn-bracht-tag-livros/>. Acesso em: 10 out. 2025.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, Sons, Ritmos**. São Paulo: Ática, 2006.

GROSSEL, Amanda Karine; SOUZA, Maurini de. Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 38, p. 396–418, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/63830>. Acesso em: 21 jun. 2025.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215–241, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240769879\\_Contando\\_estorias1\\_feministas](https://www.researchgate.net/publication/240769879_Contando_estorias1_feministas). Acesso em: 16 out. 2025.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: Da margem ao centro. Tradução de Helena Silveira. Orfeu Negro, 2020.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: Passionate politics. New York: Routledge, 2015.

KIM, Jimin; BISLAND, Beverly Milner (Lee); SHIN, Sunghee. **Teaching about the Comfort Women during World War II and the Use of Personal Stories of the Victims**. Association for Asian Studies, 2019. Disponível em: <https://www.asianstudies.org/publications/eaa/archives/teaching-about-the-comfort-women-during-world-war-ii-and-the-use-of-personal-stories-of-the-victims/>. Acesso em: 30 mai. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2 ed. Minas Gerais: UFGD, 2019.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Santa Catarina: Afrontamento, 2005.

MALINOWSKA, Ania. **Waves of feminism**. University of Silesia, Poland, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342800730\\_Waves\\_of\\_Feminism](https://www.researchgate.net/publication/342800730_Waves_of_Feminism). Acesso em: 12 dez. 2024.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: [https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2422/1/Sandra%20Maria%20Nascimento%20de%20Mattos%20\\_MIC.pdf](https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2422/1/Sandra%20Maria%20Nascimento%20de%20Mattos%20_MIC.pdf). Acesso em: 08 jan. 2025.

MIBIELLI, Roberto. Cânone. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (Orgs.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021. p. 13-43.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciencia & saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFF/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

PRADO, Sthefany. Piauí teve segunda maior taxa de registros de violência contra a mulher em 2024, aponta relatório. **G1**, Piauí, 2025, online, 13 março 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2025/03/13/piaui-teve-segunda-maior-taxa-de-registros-de-violencia-contra-a-mulher-em-2024-aponta-relatorio.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Científico. 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PSICOLÓGICO. In: DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2025, online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/psicol%C3%B3gico/>. Acesso em: 10 out. 2025.

ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: ROONEY, Ellen. **The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory**. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 73-95.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Fabiana dos. **Louisa May Alcott e Alina Paim: Uma leitura comparada da formação das protagonistas em *Mulherzinhas* (1868) e a *Sombra do Patriarca* (1950).** 2021. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15203>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais:** introdução à Teoria Literária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O pessoal é político: Conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SCOTT, Joan. História das mulheres. *In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas.* Tradução de Magda Lopes. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-95.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOH, Sarah C. **The Comfort Women:** Sexual Violence and Postcolonial Memory in Korea and Japan. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2008.

SOUZA, Lucas de. Herdeiras do Mar, de Mary Lynn Bracht: memória, trauma e dominação política do corpo feminino. *Revista Garrafa*, v. 21, n. 60, p.54-65. jul./dez. 2023.2. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/377231312\\_HERDEIRAS\\_DO\\_MAR\\_DE\\_MARY\\_LYNN\\_BRACHT\\_MEMORIA\\_TRAUMA\\_E\\_A\\_DOMINACAO\\_POLITICA\\_DO\\_CORPO\\_FEMININO](https://www.researchgate.net/publication/377231312_HERDEIRAS_DO_MAR_DE_MARY_LYNN_BRACHT_MEMORIA_TRAUMA_E_A_DOMINACAO_POLITICA_DO_CORPO_FEMININO). Acesso em: 11 abr. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura.** São Paulo: Ática, 2007.

TYSON, Lois. **Critical theory today:** A user-friendly guide. 4. ed. New York, London: Routledge, 2023.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária: Abordagens históricas e contemporâneas.* 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 19-30.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária: Abordagens históricas e contemporâneas.* 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Revista Letras**, v. 29, n. 59, p. 183-195, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231189605.pdf>. Acesso em 04 jan. 2025.